

Revista do Café



Centro do Comércio de Café do Rio de Janeiro

Ano 94 - Março 2015 - Nº 853



João Gardingo,

empresário de sucesso no café,
volta-se à Educação



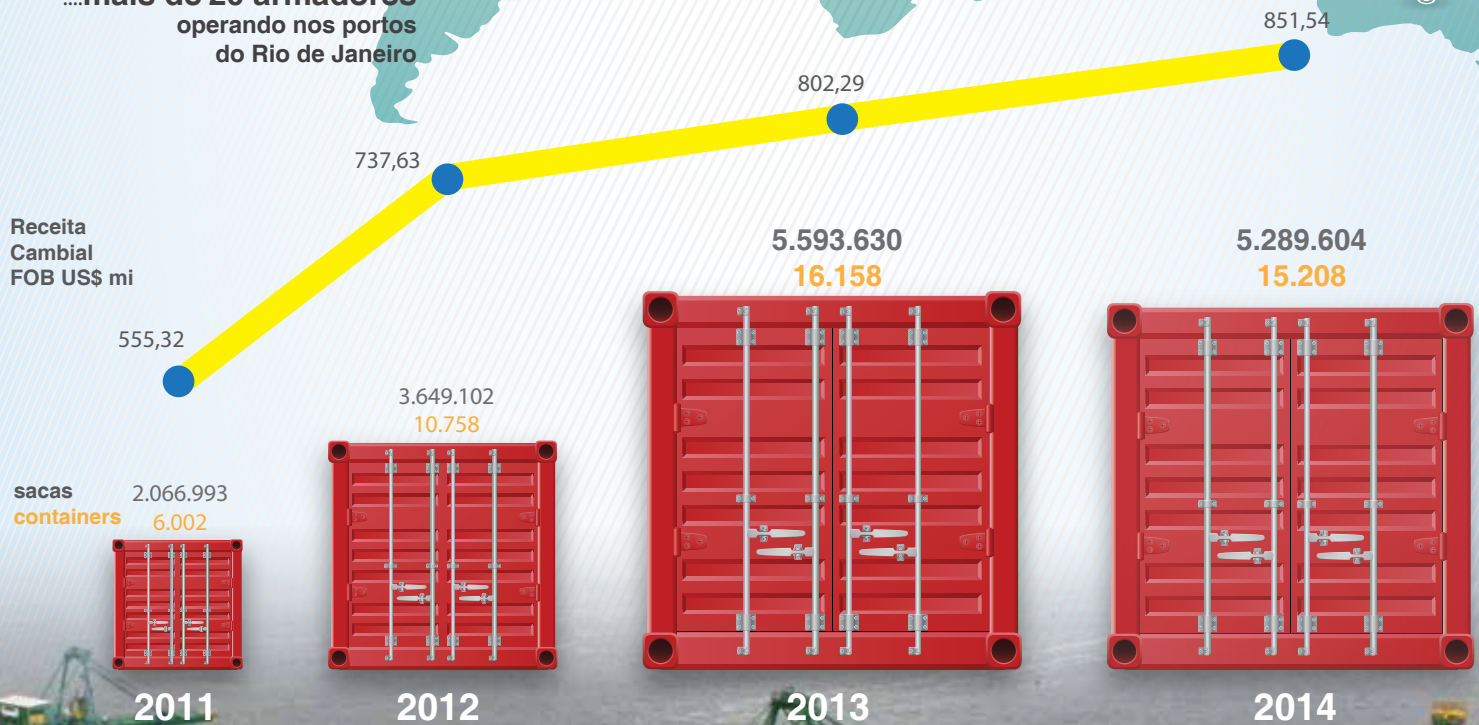
CENTRO DO COMÉRCIO DE CAFÉ DO RIO DE JANEIRO
<http://www.cccrj.com.br>

Exportações de Café pelos Portos do Rio de Janeiro

Período: 2011 a 2014
sacas 60 Kg / Containers

Utilize os portos do Rio, custos competitivos,
rapidez e segurança

....todos os Continentes
...mais de 69 países
...mais de 20 armadores
operando nos portos
do Rio de Janeiro



2011

2012

2013

2014

Fonte: CECAFÉ



Sumário

- 04** Dados Estatísticos
- 06** A história da família Gardingo
- 10** 6º Forum & Coffee Dinner
- 16** Um novo horizonte para os cafés finos brasileiros
- 18** Política externa e interesse nacional
Rubens Barbosa
- 20** Reunião da OIC discute Sustentabilidade e estatística
- 22** Escassez hídrica é grave - Gustavo Junqueira
- 24** Panorama jurídico do Funrural
- 28** Museu da Imigração promove seminário internacional
- 30** Lâmina de tração animal auxilia no micro-terraceamento
J.B. Matiello
- 34** Irrigação agrícola e desperdício de água - Xico Graziano
- 36** A agropecuária em tempos de insegurança - Bruno Varella Miranda
- 38** Fazenda Vista Alegre
- 40** Panorama
- 54** Série - As mais belas cafeterias do Mundo

CRÉDITOS: LILIAN MURATORI



CRÉDITOS: OIC



CRÉDITOS: ARQUIVO MI



CRÉDITOS: ACIAM



Revista do Café

Coordenadora

Alessandra Rodrigues de Almeida

Reportagens

Carine Ferreira, Eugênio Martins Júnior e Miguel do Rosário

Colaboradores

Afonso Lourenço, Bruno Varella Miranda, Delza Dias Ferreira, Francisco Netto, Gustavo Junqueira, J.B. Matiello, Leila Vilela Alegrio, Rubens Barbosa e Xico Graziano.

Capa

João Gardingo

Crédito da Capa

Lilian Muratori

Diagramação, Arte e Projeto Gráfico

Hands-on Editoração Eletrônica

Impressão Gráfica

Grupo Smart Printer

<http://www.gruposmartprinter.com.br>



Centro do Comércio de
Café do Rio de Janeiro

Diretoria Biênio 2013/2015

Presidente: Guilherme Braga Abreu Pires Filho

Diretor-Secretário: Batista Mancini

Diretor-Tesoureiro: Alexandre Pires

Diretor de Patrimônio: Ruy Barreto Filho

Gerente Geral: Guilherme Braga Abreu Pires Neto

Conselho Administrativo

CSB Trading S/A Exp. e Importação

Warrant Exp. Importação Ltda.

Sumatra Comércio Exterior Ltda.

Agropecuária São Francisco de Paula Ltda.

GBP Consultoria Empresarial

Unicafé Comércio Exterior

EISA Empresa Interagrícola S/A

Stockler Comercial e Exportadora Ltda.

Halley Exp. e Imp. Ltda.

Três Aranhas Com. e Ind. Ltda.

Valorização Empresa de Café S/A

Agropecuária Pedra Lisa S/A

Sindicato do Comércio Atacadista de Café do Município do Rio de Janeiro

Diretoria Quadriênio 2014/2018

Presidente: Guilherme Braga Abreu Pires Neto

Secretário: Batista Mancini

Tesoureiro: Ruy Barreto Filho

Diretor de Patrimônio: Alexandre Todeschini Pires

Rua Quitanda, 191- 8º andar- Centro- CEP: 20091-000

Rio de Janeiro - RJ- Brasil

Fone: (21) 2516-3399 / Fax: (21) 2253-4873

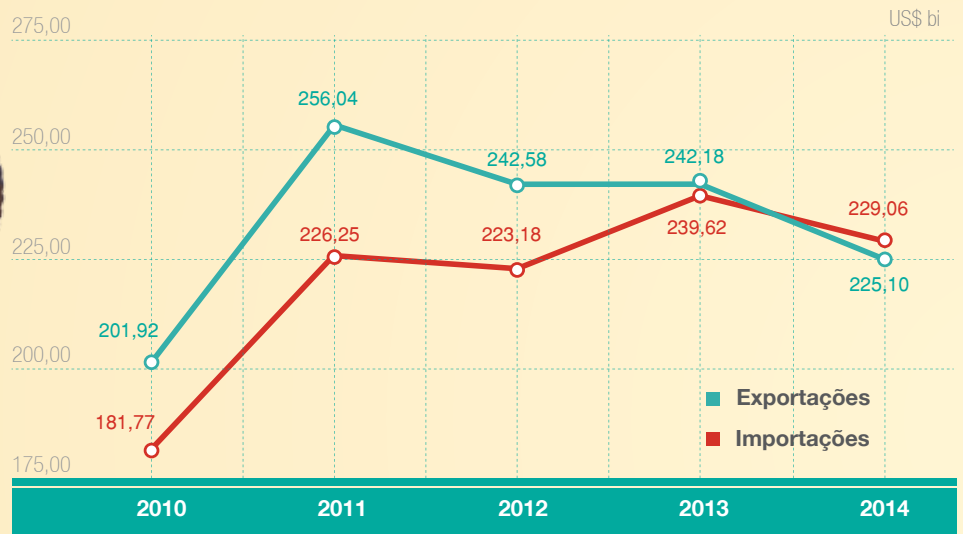
riocafe@cccrrj.com.br / www.cccrj.com.br

Agronegócio: Exportações Brasileiras e Participação do Café

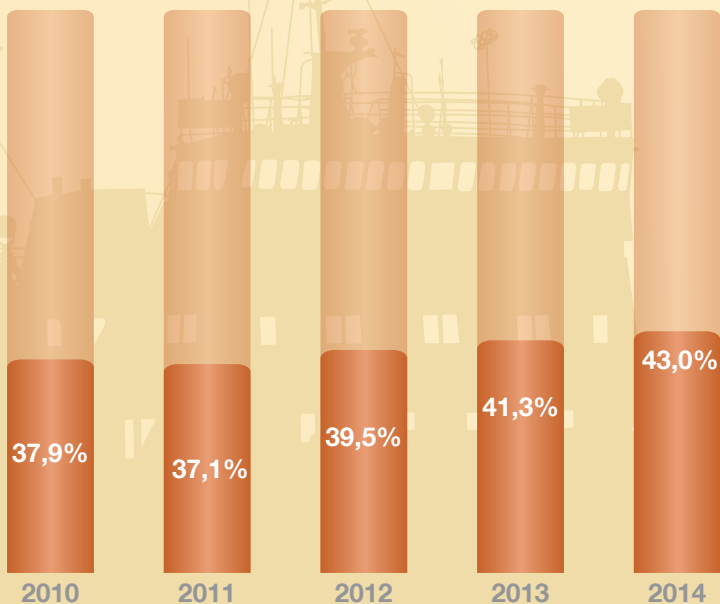
Período: Ano Civil 2010 a 2014

US\$ bi

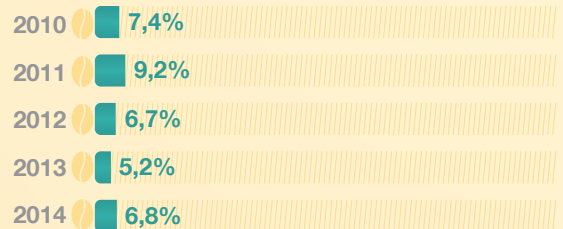
	2010	2011	2012	2013	2014
COMPLEXO SOJA	17,107	24,139	26,114	30,961	31,403
CARNES	13,630	15,763	15,736	16,803	17,429
COMPLEXO SUCROALCOOLEIRO	13,790	16,450	15,045	13,718	10,367
PRODUTOS FLORESTAIS	9,281	9,637	9,067	9,635	9,951
CAFÉ	5,691	8,774	6,404	5,220	6,596
OUTROS	16,869	20,245	23,390	23,575	20,936



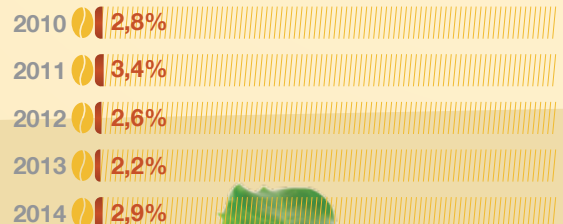
Participação (%) do Agronegócio nas Exportações do Brasil



(%) do Café nas Exportações do Agronegócio



(%) do Café nas Exportações Totais do Brasil

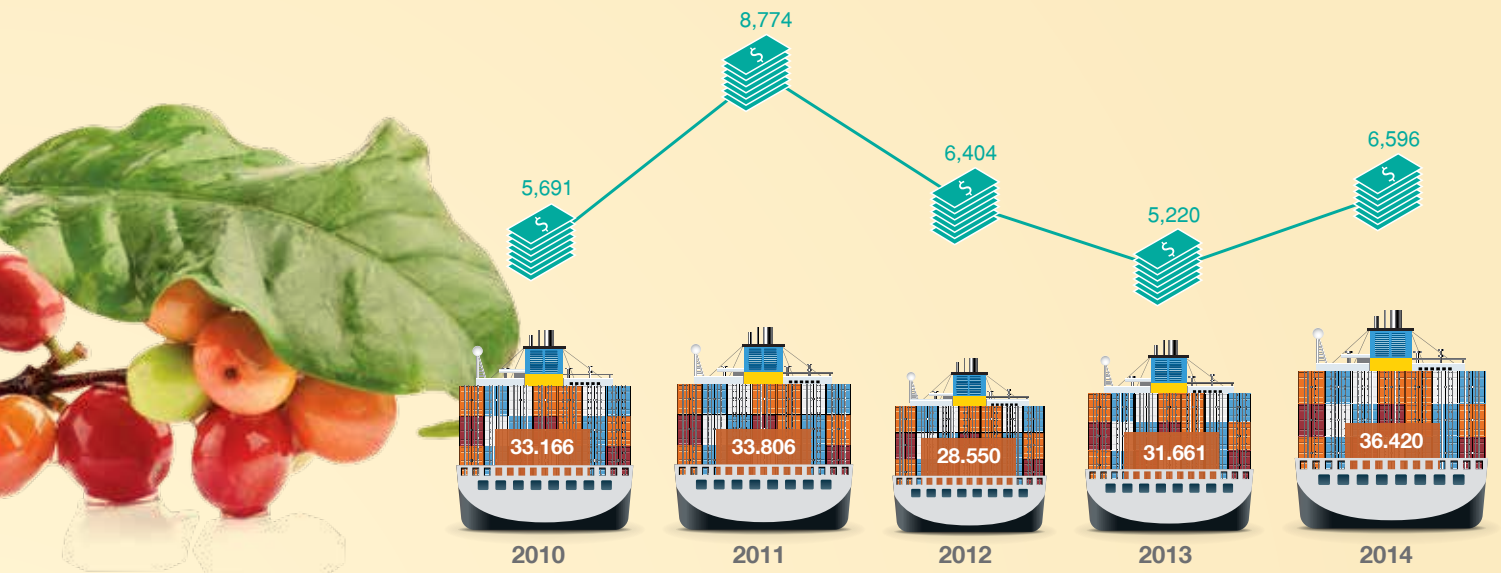


Fonte: MDIC / CECAFÉ

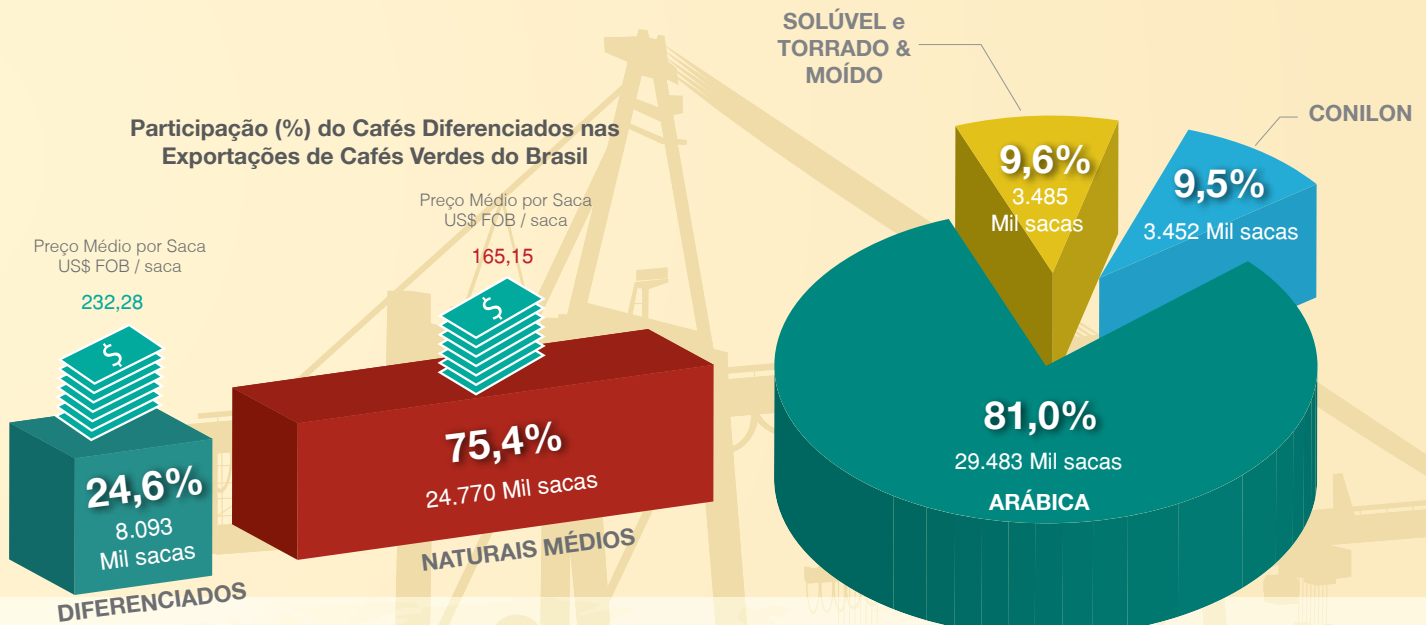
Exportações Brasileiras de Café

Período: Ano Civil 2014

Volume em Mil sacas de 60Kg / Receita Cambial US\$ bi



Participação (%) do Cafés Diferenciados nas Exportações de Cafés Verdes do Brasil



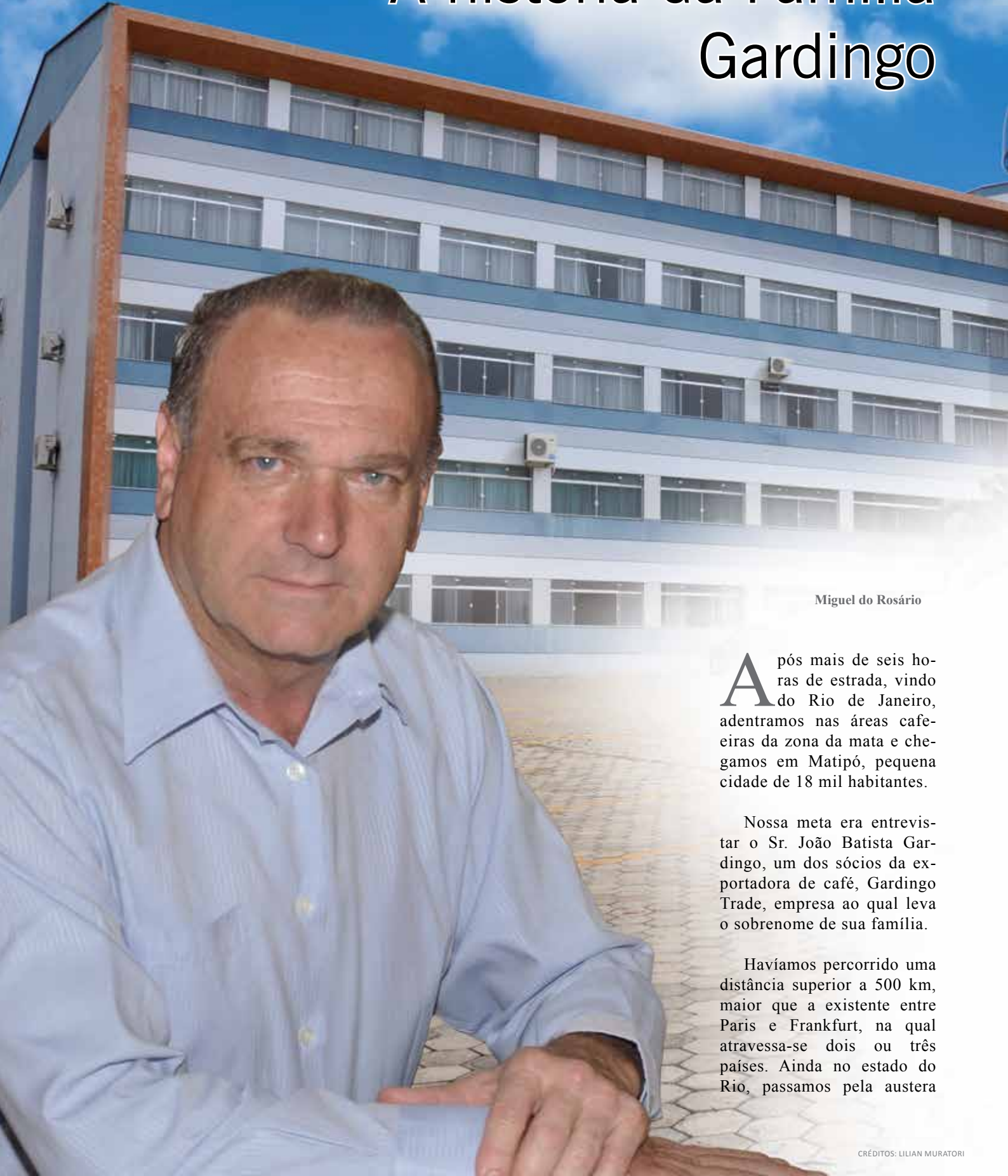
O Brasil exportou café para 125 países com volumes destinados a mais de 370 portos de destino

Mais de 190 armadores marítimos e 352 navios movimentaram cerca de 103 mil containers entre as 19 unidades de embarques do Brasil no ano de 2014, destacando-se o porto de Santos com 79% das exportações

Em 2014 foram registradas 205 empresas exportadoras de café, sendo 11 empresas com volumes acima de 1 milhão de sacas, que resultaram em 55% de participação

Fonte: CECAFÉ

A história da Família Gardingo



Miguel do Rosário

A pós mais de seis horas de estrada, vindo do Rio de Janeiro, adentramos nas áreas cafeeiras da zona da mata e chegamos em Matipó, pequena cidade de 18 mil habitantes.

Nossa meta era entrevistar o Sr. João Batista Gardingo, um dos sócios da exportadora de café, Gardingo Trade, empresa ao qual leva o sobrenome de sua família.

Havíamos percorrido uma distância superior a 500 km, maior que a existente entre Paris e Frankfurt, na qual atravessa-se dois ou três países. Ainda no estado do Rio, passamos pela austera



Serra dos Órgãos, com seus verdes soturnos, cruzamos as grandes áreas devastadas do norte fluminense, e chegamos ao sudeste de Minas Gerais.

Subimos o estado até alcançarmos a região onde há a maior concentração de cafezais do planeta, mais de 1 bilhão de pés de café espalhados por encostas, beiras de estrada, vales, até mesmo nos jardins das casas. Uma região onde se pode colher café da janela do carro, com as mãos, enquanto se viaja. A zona da mata é a segunda maior área cafeeira do país, perdendo apenas para o sul de Minas, onde o café, contudo, se espalha num espaço geográfico maior.

Como dizíamos, nosso objetivo era entrevistar João Gardingo e tentar conhecer a história de uma família de

imigrantes italianos, do interior de Minas Gerais, que se tornou destaque na exportação de café.

Em Matipó, durante um jantar no clube construído pela família, conversamos algumas horas com o Sr. João Gardingo. Pudemos conhecer seus colaboradores e também, fazer uma visita às instalações da Faculdade.

Em 1981 iniciou as atividades na comercialização de café, atuando no mercado interno e externo e, a cada ano, com um crescimento considerável. Em 2014, a Gardingo Trade registrou o volume de 777 mil sacas de café no mercado interno e 925 mil sacas de café no mercado externo.

Para efeito de comparação, El Salvador, um dos exportadores mais tradicionais da

América Central, exportou 1 milhão de sacas nos últimos 12 meses até janeiro deste ano.

“Essa história do café chegou um pouquinho depois do início de tudo”, conta João, um homem de gestos e aparência simples, revelando o que há de mais tradicional na personalidade mineira: fala mansa e ação rápida.

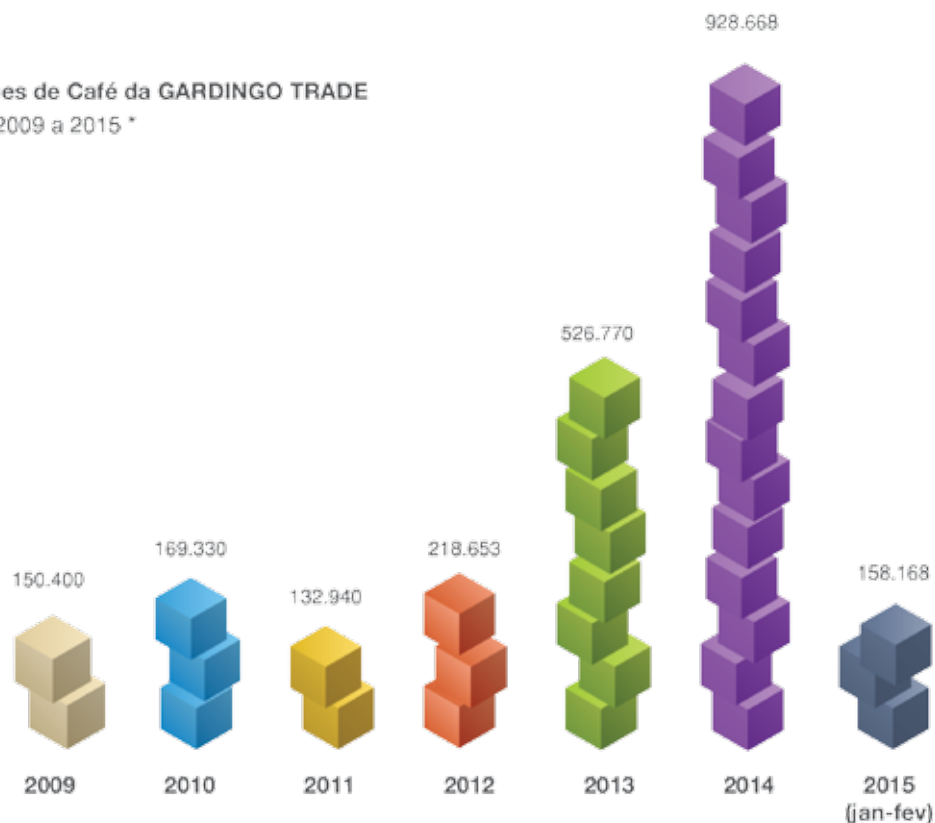
Por trás do homem tímido, vislumbra-se um empresário profundamente disciplinado e persistente, que compõe uma sociedade familiar, cujas atividades



Exportações de Café da GARDINGO TRADE

Ano-Civil: 2009 a 2015 *

sacas 60Kg



nas áreas de café, supermercado, distribuição de cereais, educação, laticínios, gado e água mineral, registram a cada ano que se passa, um aumento considerável sobre o ano anterior.

A Gardingo Trade está sediada nas cidades de Matipó e Três Corações, sul de Minas Gerais, onde atua em suas compras de café, exclusivamente arábica. Atualmente, a maior parte da comercialização do café, é exportada através dos Portos do Rio de Janeiro.

O “início de tudo” das atividades da família Gardingo começou pela plantação de tomate. Mas deixemos seu João contar sua história com suas próprias palavras. Preste atenção à parte em que ele fala da faculdade que construíram na cidade, a Faculdade Vértice - Univértix, um empreendimento que revolucionou a vida local, elevando o número de matrículas no ensino superior em mais de 500%, nos últimos sete anos, e tornou-se a segunda atividade econômica mais importante da cidade.

“Sou de família de descendentes italianos. Somos uma família de treze irmãos nascidos e criados em Matipó. Estudei até os 13 anos de idade, depois saí da escola e fui pra roça com meus irmãos plantar tomate e outras culturas, incluindo café. Era uma época difícil, onde a união, o trabalho e a coragem, eram palavras de ordem na nossa casa. Com fé em Deus, honestidade, seriedade e compromisso, conseguimos vencer!”

Juntamente com meus outros quatro irmãos, Sebastião, Antônio, Carlos e Anízio, iniciamos nossa sociedade familiar, já na adolescência. Aos 20 anos, vim para cidade trabalhar com um pequeno comércio de cereais e meus irmãos, vieram depois. Em 1977, inauguramos o primeiro supermercado na cidade de Matipó e em 1981, comecei as atividades na comercialização de café.

Em 1988, construímos uma farmácia, a Drogaria São João, voltada para manipulação de medicamentos, que ajudou mui-

tas pessoas na época, porque não havia o sistema social que tem hoje, que é o programa do Governo Federal Farmácia Popular, além da distribuição de medicamentos nos PSF's e outros. Oferecíamos remédios a custo mais baixo à população.

A sociedade matipoense desejava ter um local para que todos pudessem se encontrar e fazer o social, e nunca conseguia reunir o necessário para dar início ao projeto. Minha família, sempre motivada pelos meus pais, Sr. Henrique Gardingo Neto e Sra. Alice Muratori Gardingo, uma grande entusiasta pelo social, resolveu dar seqüência ao projeto. Tínhamos uma chácara no centro da cidade e foi construído o local onde estamos, o Italogard Clube. Deu certo e toda a população da cidade foi beneficiada com uma área de lazer adequada.

Sentimos a necessidade de dividir os ramos de atuação e cada irmão ficou com o que mais se identificou. Eu administro os negócios de

café, faculdade e água mineral; Anízio com o supermercado, a distribuição de cereais e o haras; Sebastião, Antônio e Carlos com a criação de gado, lavouras de café, transportadora, armazéns e laticínios.

Em 1993, começamos a distribuição de cereais para a região, num raio de 300 km, obtendo bons resultados.

Em 1996, criamos a Transportadora Gaivota, que usamos no transporte de café e cereais.

Em 2000, inauguramos um laticínio, que hoje industrializa 100 mil litros por dia, no qual distribuimos no estado de Minas Gerais e outros.

Faculdade Vértice - Univértix

Em 2003, começamos o projeto para construção de uma faculdade e em 2008, estava em funcionamento.

É a única faculdade em Matipó, com os cursos de ensino superior: Administração, Agronomia, Ciências Contábeis, Educação Física, Enfermagem, Engenharia Civil, Farmácia e Medicina Veterinária, autorizados pelo MEC. Também, os cursos técnicos de: Computação, Edificações, Enfermagem, Estética, Mecânica e Segurança do Trabalho.

Há muitos programas sociais que facilitam o ingresso na faculdade, do Governo Federal, como os programas de FIES, PROUNI e PRONATEC; e do Governo Estadual, como a oferta de bolsas científicas e remuneração pelos projetos desenvolvidos, através do convênio com a FAPEMIG e Prefeitura Municipal. Na nossa faculdade, estudar está ao alcance de todos!”

A faculdade é um assunto que emociona João Gardingo. Seus olhos ganham um brilho especial ao falar da

contribuição social e econômica, que o empreendimento trouxe à cidade e a região. “A cultura da cidade melhorou muito. Houve um benefício grande a todos aqueles que queriam ter um curso superior, além da geração de empregos, diretos ou indiretos!”, alegre-se o empresário, que sente prazer em colaborar com o crescimento do município e da região.

Perguntei a ele se continua animado com as perspectivas do negócio de café: “Sou otimista e acredito no trabalho. Sou um grande defensor do ramo e, quero continuar. Deus nos ajudando, sempre vamos trabalhar muito e nosso campo é amplo. O mundo está consumindo mais café, acredito!” ☺

Leo, Marcos Antônio e João Gardingo



6º Forum & Coffee Dinner

6º Forum & Coffee Dinner

CRÉDITOS: DANIEL DUTRA



10

Carine Ferreira

As atenções se voltam mais uma vez à safra de café do Brasil, o maior produtor mundial e exportador do produto. Os problemas decorrentes da seca e do calor que atingiram importantes regiões produtoras do país em 2014 e neste ano representam uma redução de oferta do principal *player* do mercado. As tendências da oferta brasileira e do mundo serão discutidas no 6º Forum & Coffee Dinner, promovido pelo Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (CeCafê).

O evento, que será realizado em São Paulo nos dias

18 e 19 de maio, é promovido bianualmente pelo CeCafê e deve atrair cerca de 1 mil pessoas em suas duas etapas: o Coffee Dinner e o Forum. O Coffee Dinner tem início às 19 horas do dia 18, na Sala São Paulo, ocasião em que serão realizados solenidade de premiação, show musical, coquetel e jantar. O Forum é realizado no dia 19, na Fecomércio, com vários painéis sobre temas de mercado, tendências de consumo, sustentabilidade e panorama da economia mundial.

O 6º Forum & Coffee Dinner ocorre em um mo-

mento importante para a cafeicultura nacional, quando o mês de maio marca o início da colheita do grão no país, período que usualmente acaba atraindo grande número de importadores e torrefadores ao país. Nas visitas às fazendas, esse público busca verificar a qualidade e a oferta dos grãos. Muitos deles também são esperados para participar do evento, além de produtores, cooperativas e representantes do mercado.

“Esse ano, o evento é essencialmente oportuno porque hoje estamos vivenciando uma situação em que uma das

grandes incógnitas é a oferta brasileira. Vai haver prejuízo na safra e não sabemos se isso de fato vai representar uma redução da oferta brasileira”, diz Guilherme Braga, diretor geral do CeCafé. Segundo ele, o 6º Forum & Coffee Dinner vai se constituir em um palco de apresentação relevante sobre o tema.

João Carlos Hopp Junior, diretor comercial da Exportadora de Café Guaxupé, afirma que existe um interesse maior dos compradores internacionais que usam esse momento de início de colheita para “vir ao Brasil e verificar as oportunidades do maior exportador de café do mundo”. Como o efeito climático prejudicou a produ-



João Carlos Hopp Junior

ção brasileira, esses compradores querem ver qual a situação aqui e formar uma opinião própria, comenta Hopp Junior.

Além de gerar a oportunidade de os compradores internacionais visitarem o país, o 6º Forum & Coffee Dinner deverá mostrar a capacidade e a competitividade do Brasil para a exportação de café, diz Nelson Carvalhaes, diretor da Porto de Santos Comércio e Exportação. Ele ressalta que esses compradores poderão ver a produção, a estrutura logística, o mercado, os portos, as indústrias de máquinas e equipamentos, todos os elos que envolvem a cadeia produtiva.

O 6º Forum & Coffee Dinner vai reunir especialistas e representantes do mercado de café e de entidades do agronegócio nos painéis que serão apresentados ao público. Na edição deste ano, o tema principal das discussões será “Tendências do Mercado Mundial e Oferta Brasileira”. O evento será aberto pela economista Fabiana D’Átri, do Banco Bradesco, que irá apresentar as perspectivas para a economia mundial, tema de grande interesse do setor.

A sustentabilidade do agronegócio brasileiro será discutida no segundo painel do evento por Gustavo Diniz Junqueira, presidente da Sociedade Rural Brasileira. Já o painel sobre a oferta brasileira trará representante dos setores de cafés arábica e robusta, além do presidente da 3corações, Pedro Lima, para debater as tendências de mercado e do consumo interno.

A oferta e demanda no mundo serão apresentados por representantes de empresas que atuam com o café arábica e o robusta. Robério Oliveira Silva, diretor-executivo da Organização Internacional do Café (OIC), vai abordar as tendências do consumo mundial e os mercados emergentes.

Veja a programação:

Painel Panorama Econômico Mundial

Moderador : Joao Antonio Lian

Fabiana D’Átri, economista do Banco Bradesco



Painel Sustentabilidade

Moderador: Márcio Calves

Gustavo Diniz Junqueira, presidente da Sociedade Rural Brasileira.

Formado em Administração de Empresas pela FAAP, é mestre em finanças pela Thunderbird School of Management (EUA). Produtor rural em São Paulo, Minas Gerais e Pará, também é sócio-diretor da Brasília e membro dos Conselhos de Administração da Eztec e Banco Pine.



Painel Brasil: Oferta Brasileira e Tendências

Moderador: Nelson Carvalhaes

Oferta de Café Arábica: Jefferson Carvalho, analista do departamento de Pesquisa e Análise Setorial do Rabobank Brasil

Graduado em Engenharia Agrônoma pela Universidade de São Paulo (USP). Jefferson atuou por três anos como analista de Business Intelligence na Dow AgroSciences. Trabalhou também por três anos no Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) da USP.

Oferta de Café Robusta: Sérgio Giestas Tristão, presidente da Tristão Companhia de Comércio Exterior

Sérgio Giestas Tristão é bacharel em economia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC). Também é presidente da Triscafé de Armazéns Gerais, da Realcafé Solúvel do Brasil e integrante do Conselho de Administração da Tristão Administração e Participações.



Tendências de Mercado e Consumo Interno: Pedro Lima, presidente da 3corações

Pedro Lima cursou Agronomia na Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), no Rio Grande do Norte. Há 28 anos preside o grupo 3corações, indústria líder no setor de torrefação e moagem. No segmento industrial é diretor e conselheiro em diversas entidades de classe, entre elas, a Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC).

Painel Mundo: Oferta e Demanda Mundial e Mercados Emergentes

Moderador: João Carlos Hopp

Arábica: Henry C. Dunlop, presidente da Atlantic USA LLC

Robusta: Octavio Pires, diretor da Louis Dreyfus Commodities Brasil S/A

Tendências do Consumo Mundial e Mercados Emergentes: Robério Oliveira

Silva, diretor-executivo da Organização Internacional do Café (OIC)

Robério Oliveira Silva é diretor da OIC desde novembro de 2011. Formado em Economia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Silva tem 25 anos de experiência nos setores público e privado. Entre os cargos exercidos, foi diretor do Departamento de Café do Ministério da Agricultura no Brasil.



Robério Oliveira Silva



Henry C. Dunlop



Octavio Pires

Torneio de Golfe do café abre o 6º Coffee & Dinner

Eugênio Martins Júnior

Domingão, uma Moqueca Capixaba daquelas, uma gelada pra acompanhar e um gramado verdinho pra bater uma bola.

Só tem um porém, o tapete verde não é um campo de futebol e o jogo não é a famosa pelada do final de semana.

Trata-se do magnífico e bucólico campo do Santos São Vicente Golf Club, e a partida é o 3º Torneio de Golfe do Café, que acontece em maio, dia 17.

Um grande encontro entre amigos que precede o Coffee Dinner, evento realizado nos dias 18 e 19 em São Paulo e que reúne toda a comunidade cafeeira.

Segundo o presidente do Golf Clube, Arthur Graf, o encontro serve para colocar a rede de contatos em dia, em um dos ambientes mais agradáveis da Baixada Santista. “Todos



Arthur Graf

saem juntos do primeiro buraco e chegam juntos ao último. Nosso objetivo é fazer a integração das pessoas que trabalham em empresas de diferentes setores, armazenagem, transportadoras, exportadoras, corretoras e outras modalidades”, explica.

O torneio contará com 60 vagas para ambos os sexos e cada empresa patrocinadora poderá convidar quatro pessoas para compor o seu time e mais quatro para curtir o dia especial.

Realizado a cada dois anos desde 2009, com exceção de 2013, o torneio não é uma competição oficial, pois todos os jogadores são amadores.

São formadas equipes, mas cada jogador tem a sua bola. O formato possibilita o equilíbrio porque os times podem ter dois jogadores fortes e dois fracos, pois só será computado o melhor ponto (*score*) da equipe em cada buraco. A modalidade é chamada de *Scramble Best Ball*. “Essa modalidade dá a oportunidade às pessoas que nunca jogaram golf que participem do torneio”, explica Graf.

Mas é claro, cada participante das equipes classificadas em 1º, 2º e 3º lugares, receberão troféus pra poder contar aquela vantagem no trabalho na hora do cafezinho.

A tacada inicial (*shot gun*) será 9h30, mas todos os jogadores que pretendem fazer o “*hole in one*”, a jogada magistral a qual o jogador acerta o buraco com uma só tacada, devem estar em presentes 8h30.

O almoço de confraternização, após o encerramento do jogo, será 14 horas e a cerimônia de entrega de prêmios está prevista para às 15h30.

O clube ainda abrirá espaço para que as empresas distribuam brindes e divulguem sua marca e produtos com colocação de banners, expositores, placas e faixas no campo de golfe e na sede social.

14

O Golf Club e o café

O Santos São Vicente Golf Club é o segundo clube de golfe mais antigo do Brasil.


Fundado pela colônia inglesa, seus primeiros sócios eram os trabalhadores abonados das empresas britânicas que atuavam no Brasil, entre elas, São Paulo Railway, The City of Santos Improvements Company, Western Telegraph Co, Light & Power Company, Bank of London & South America Ltd.

Por isso, o clube já nasceu com recursos para a aquisição de muitas terras colocando-o em uma posição privilegiada nas cidades de Santos e São Vicente. Até 1936, a maioria de sócios eram anglo-americanos, cerca de 95%.

Consta na história e na placa pendurada em uma das paredes do Santos e São Vicente Golfe Clube, que o então príncipe de Gales, mais tarde Rei Eduardo VIII e Duque de Windsor, Edward Albert Christian George Andrew Patrick David, foi a primeira pessoa a fazer um “*hole in one*” em 1931.

Ao longo de sua história, o golfe clube recebeu muitos sócios ligados a setor cafeeiro. “Essa proximidade vem da geração do meu pai. Ele foi praticante de golfe e presidente do clube. Isso me deu inspiração para realizar esse evento em 2009. Queria resgatar essa vivência”, conta Arthur Graf.

Em seu centenário, a direção do Golf Club planeja realizar vários torneios, entre eles, o Almirante Barroso, com o pessoal da navegação, o Torneio da colônia Japonesa, o Torneio Comemorativo dos Cem Anos. E também o já tradicional torneio da Mitsui Alimentos, empresa do setor cafeeiro, realizado há 25 anos.

Os contatos do Santos São Vicente Golf Club são secretaria@santossaovicentegolf-club.com.br ou ssvgc@uol.com.br. Telefones (13) 3468-3129 ou (13) 3018-5110. O clube fica na Av. Pérsio de Queiroz Filho, 101. Catiapôa, São Vicente. 





FACENTER

CENTRO DE DIAGNÓSTICO DIGITAL DA FACE

Inauguramos a mais moderna clínica de radiologia



FACENTER
CENTRO DE DIAGNÓSTICO DIGITAL DA FACE



**Os equipamentos mais modernos do mercado
100% digitais com tecnologia de última geração
para você ter a melhor imagem do Rio de Janeiro.**

Tomografia Computadorizada Cone Beam de Alta Resolução

- Planejamento de implantes com o programa Dental Slice
- Localização dos terceiros molares
- A.T.M.
- Fraturas dentárias
- Fraturas ósseas
- Supranumerários e inclusos
- Patologias
- Avaliação de lesão de furca
- Avaliação de perda óssea
- Panorâmico digital
- Cefalométrico

Rua da Quitanda, 191 - 8º andar - Centro - Rio de Janeiro - RJ
(21)2233-3402 / 2233-9720 / 2233-9723

Rua Visconde de Pirajá, 550 - Sala 322 - Ipanema - Rio de Janeiro - RJ
(21)2239-0513 / 2249-4285 / 8740-1922

facenter@facenter.com.br / www.facenter.com.br



Um novo horizonte para os cafés finos brasileiros

Carine Ferreira

Os cafés especiais brasileiros, muitas vezes, não são reconhecidos por sua qualidade no mercado internacional, embora sua aceitação tenha crescido nos últimos anos. Para incrementar ainda mais a demanda e reposicionar a imagem desses produtos, está em curso um projeto de branding. O projeto está inserido em um convênio assinado no ano passado entre a Associação Brasileira de Cafés Especiais (BSCA, na sigla em inglês) e a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) no valor total de R\$ 8,7 milhões para o biênio 2014-2016, com aportes da Apex e contrapartida da BSCA.

O lançamento da nova estratégia será em 11 de abril, em Seattle (EUA), durante uma tradicional feira internacional de cafés especiais, promovida pela Specialty Coffee Association of America (S C A A).

No Brasil, o branding deverá ser lançado durante o 6º Forum & Coffee Dinner, em São Paulo, em 18 de maio. De acordo com Vanusia Nogueira, diretora executiva da BSCA, a feira nos EUA é a maior de cafés especiais do mundo e que costuma também “ditar” as regras para o mercado consumidor tanto do produto commodity quanto dos especiais. “É o melhor lugar para fazer o lançamento do branding”, afirma ela.

Vanusia comenta que há muitos anos existe um certo desconforto por parte do setor brasileiro de que o americano não reconhece o café do Brasil como especial. Então, a feira nos EUA seria uma grande oportunidade para se lançar o branding, aproveitando um evento existente na feira, um almoço promovido pelo Coffee Quality Institute (CQI) e que terá também a presença de jornalistas americanos, além de profissionais do segmento. A BSCA tem parceria com o CQI desde o ano passado e promoveu com o instituto, no fim de março, o primeiro treinamento de *Q-graders* (providores de café qualificados e treinados pela CQI).

Segundo Silvio Leite (foto), presidente da BSCA, “A conclusão que o conselho di-

retor da BSCA chegou é que seria necessário mudar a abordagem sobre os cafés brasileiros”. Assim, o desenvolvimento do projeto de branding levou em conta mais a abordagem que será feita dos cafés brasileiros principalmente no exterior, e não a marca em si. Ele acrescenta que não haverá mudança das logomarcas dos Cafés do Brasil e da BSCA. Ao contrário do que se imaginava, os dois símbolos são fortes e extremamente reconhecidos no mercado, conta o presidente da BSCA, apesar de terem mais de 20 anos. Vanusia Nogueira, diretora executiva da entidade, avisa que o branding não terá um símbolo, somente a abordagem. “Alguma coisa que fique dentro do contexto de sofisticação, como fez empresas como a Lavazza e a illy”.

Parceria BSCA e APEX

O Brasil exporta cafés especiais para 96 países, principalmente EUA, Japão, Coreia do Sul, Austrália, Inglaterra e Bélgica, conforme a BSCA. A produção desses cafés representa cerca de 15% da safra total brasileira.

Cláudio Borges, gestor do projeto Cafés Especiais na Apex-Brasil, afirma que o pro-



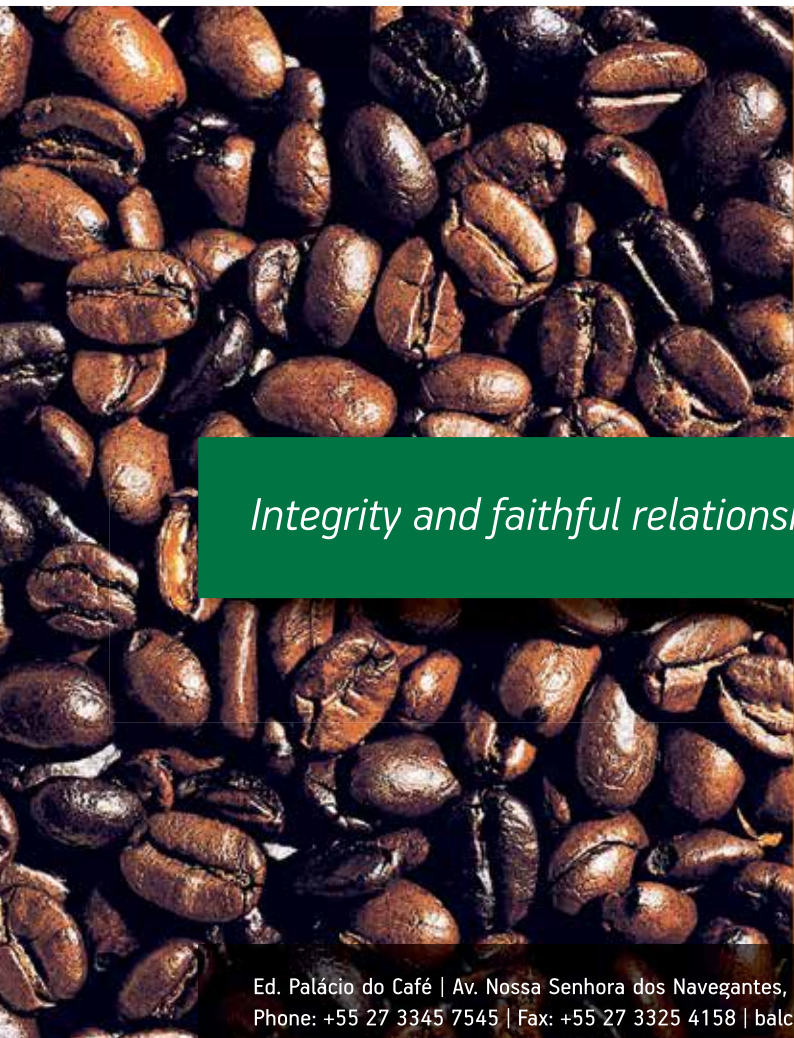
jeto de branding terá atividades e ações voltadas a garantir o posicionamento dos “nossos cafés especiais e o reposicionamento da imagem do país como grande fornecedor de cafés especiais, garantindo com isso sua permanente liderança”. Em entrevista por e-mail, Borges acrescenta que o projeto implica uma série de abordagens do mercado internacional que hoje passa por profundas modificações, como o surgimento de monodoses e as mudanças de hábitos de consumo impulsionadas pela participação das novas gerações de consumidores nos mercados asiáticos. Ele resalta também que, graças ao trabalho conjunto da BSCA com a área de inteligência comercial da Apex, “novos mercados foram identificados, como a Coreia do Sul e Austrália, nos quais o Brasil já ocupa posição de liderança e vende volumes crescentes”.

Julio Moreira, sócio-diretor da Place Consultoria, empresa responsável pelo desenvolvimento do branding, resalta que não havia ainda uma história formatada única para contar a outros países sobre os cafés especiais. “Temos uma história de sucesso muito interessante. O Brasil consegue gerar riqueza com o café. E é o único produtor e exportador que também é grande consumidor. O café é importante na vida dos brasileiros”, resume.

Para Nathan Herszkowicz, diretor executivo da Associação Brasileira da Indústria do Café (Abic), um projeto de branding é muito importante. Ele lembra que toda a cadeia produtiva tinha apresentando um plano de marketing para os cafés brasileiros, mas que o projeto ficou parado no Ministério da Agricultura. Entretanto, Herszkowicz argumenta que o novo projeto de branding

precisa também contemplar o mercado interno e outros setores exportadores dentro da cadeia. “Não pode ficar restrito aos cafés especiais do Brasil. Dentro do mercado interno, nós temos demanda por cafés especiais, cafés gourmet que justifiquem que um plano de branding tenha olhar para o mercado interno”, diz ele.

De acordo com Vanusia, da BSCA, o branding deve ser expandido para todos os “Cafés do Brasil”. Algumas entidades representativas do setor, como o Conselho Nacional do Café (CNC), Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Ce-Café) e Abic já começam a discutir o assunto. ☺



balcoffee.com.br

Integrity and faithful relationship.

BALCOFFEE
TRADING INTERMEDIações LTDA



Política Externa e Interesse Nacional

A baixa prioridade atribuída pelo governo à política externa e a quase paralisação da ação diplomática brasileira nos últimos anos tem afetado o interesse nacional em várias frentes. O exemplo mais recente e talvez mais grave ocorra no relacionamento com a Argentina.

Os resultados dessa atitude passiva estão se mostrando duramente contrários não só aos interesses econômicos e comerciais brasileiros, mas agora também na área estratégica e de defesa em virtude de crescente cooperação entre a Argentina e a China.

O nosso engajamento na OCDE serviria para enriquecer os processos de reflexão e de

formulação de políticas. Permitiria colher lições de experiências de 34 países que em conjunto somam cerca da metade da corrente de comércio do Brasil, a maioria esmagadora dos investimentos diretos estrangeiros no País e da capacitação dos nossos cientistas e engenheiros em pesquisa, doutorado e pós-doutorado no exterior.

Em visita recente a Pequim, a presidente Cristina Kirchner assinou 15 acordos, com forte impacto sobre os interesses brasileiros pela agressiva ofensiva chinesa em investimentos em infraestrutura com facilitação de importação de maquinárias e insumos – muitos produzidos pelo Brasil – além de linhas de crédito para importação,

acordo de “swap” de Yuan para reforçar as reservas argentinas. Dentre os acordos assinados, um tratado na área de defesa e cooperação espacial prevê a construção pela China de uma base espacial na província de Neuquén.

A base, que foi estabelecida no marco do programa chinês de exploração da Lua, representará uma inversão direta de cerca de US\$ 300 milhões e estará em funcionamento em 2016. Segundo admitiram as autoridades argentinas, a base tem por objetivo “realizar tarefas de monitoramento, controle e coleta de dados no marco do programa chinês de missões para a exploração da Lua e do espaço”. Apesar de não contar com a aprovação do Congres-

so – que não recebeu diversos acordos secretos anexados ao Tratado - o governo argentino decidiu avançar na construção da Base espacial. A etapa de fabricação das antenas começou no mês passado. A Comissão Nacional de Atividade Espacial argentina e a Agência Nacional Chinesa de Lançamento, Seguimento e Controle Geral de Satélites trabalharão conjuntamente quando a estação espacial for instalada. Fontes militares argentinas qualificadas manifestaram preocupação pelo eventual uso militar da estação chinesa em território argentino e não descartam a possibilidade de que as antenas possam realizar tarefas de seguimento de mísseis. A estação de Neuquém disporá de uma rede de telemetria, seguimento e controle de uso civil e militar. A tecnologia sensível, de uso dual, poderá ser utilizada para o seguimento da atividade aeroespacial e de mísseis.


Nos governos do PT, desde 2002, o Brasil passou a considerar Buenos Aires como parceiro fundamental para a estratégia de integração sul-americana a partir do MERCOSUL e como sócia comercial privilegiada em função do mercado para nossos produtos manufaturados. Na medida em que a situação econômica de “*los hermanos*” se deteriorava pela desvairada política kirchnerista, medidas protecionistas ilegais e contrárias a letra e ao espírito do MERCOSUL e da OMC passaram a restringir a entrada dos produtos brasileiros. A reação do governo petista aos reclamos dos exportadores brasileiros, ao contrário da OMC, que acaba de condenar a Argentina e de exigir que as barreiras sejam desmontadas, foi aceitar passivamente tudo o que estava sendo feito contra nossos produtos e pedir “*paciência estratégica*” para ajudar a recuperação econômica de nossos vizinhos.

Do ponto de vista comercial, em janeiro, o Brasil fechou o mês janeiro com mais de 1.200 Declarações de Importações Antecipadas (medida da burocracia para restringir as importações) pendentes de aprovação com o governo argentino. O bloqueio na prática está atingindo todas as exportações brasileiras: automóveis, auto peças, eletrônicos e têxteis, alimentos e bebidas, carne suína, cerâmica, setor químico, metalurgia e celulose. Em 2014, as exportações brasileiras para a Argentina caíram 27%. Em janeiro de 2015, 30%. Desde 2010, o MERCOSUL foi o principal fornecedor externo de bens de capital para a Argentina, sendo o Brasil responsável por mais de 90% dessas exportações. Em 2014, com a queda de 34% das exportações de bens de capital para a Argentina em comparação de 2013, o bloco cedeu o lugar para a China, cujas exportações de equipamentos no mesmo período cresceram 13%. A redução do mercado para os produtos brasileiros foi ocasionado também pela crescente perda da competitividade da indústria nacional.

O Ministro Mauro Vieira esteve há duas semanas em Buenos Aires e se reuniu com os ministros da área econômica. Pouco transpirou das conversas bilaterais. O ministro do exterior argentino disse que foram tratados diversos assuntos, como MERCOSUL e o futuro da Unasul. Vieira indicou que os encontros foram produtivos para ele se informar, ficando acertada reunião entre os vice-ministros para fevereiro. Espera-se que o Brasil adote uma atitude mais firme na defesa dos interesses dos exportadores brasileiros e do destravamento do MERCOSUL – o Brasil ocupa a presidência do grupo - para avançar em uma nova agenda de acordos comerciais, em especial com a União Europeia.

Como até o momento não houve nenhuma palavra do governo brasileiro, a opinião pública nacional aguarda uma manifestação oficial sobre a instalação da Base espacial em Neuquém, entre outras razões porque pode competir com o programa espacial brasileiro e trazer atritos entre a China e os EUA para nossa vizinhança. O programa espacial brasileiro e a construção da Base de Alcântara continuam paralisados, quando poderiam ter avançado significativamente, apenas com uma fração dos desvios financeiros da Petrobrás nos últimos doze anos de governo do PT.

Nem sempre é fácil definir o interesse nacional. No caso da Argentina, nesses exemplos concretos, fica claro como políticas e percepções equivocadas por influência ideológica podem prejudicá-lo.

Com a palavra o Itamaraty, o MDIC e a Defesa. 

Rubens Barbosa, é Presidente do Conselho de Comércio Exterior da Fiesp





Márcia Chiarello, os Deputados Silas Brasileiro e Evair Vieira de Melo, Natália Fernandes, Paulo Márcio Neves Rodrigues, Secretário de Agricultura de MG, João Cruz Reis Filho, Josiane Cotrim, João Alberto Brando, Rodolfo Osório de Oliveira, Joaquim Pina e Carlos Brando

Sustentabilidade e aperfeiçoamento de estatísticas são pautas de destaque em reunião da OIC

Natália Fernandes

Como principal organismo intergovernamental responsável por abordar os desafios enfrentados pelo setor cafeeiro mundial, a Organização Internacional do Café (OIC) realizou a 114ª Sessão do Conselho Internacional do Café entre os dias 2 e 6 de março, em Londres.

Ao passo em que cresce a demanda por cafés sustentáveis, alguns países-

membros produtores têm buscado estratégias para crescimento econômico, redução das desigualdades e melhoria dos padrões de vida dos produtores rurais e da sociedade de modo geral. Contudo, as diferentes legislações trabalhistas e ambientais empregadas nos países produtores têm causado dúvidas em relação ao que, de fato, se trata a produção sustentável de café.

A Delegação Brasileira teve participação ativa na implementação de todos os assuntos das pautas das reuniões, e aproveitou a ocasião para divulgar um vídeo sobre os Cafés do Brasil, ilustrando o caráter sustentável do setor cafeeiro brasileiro, que tem como pilares o investimento em tecnologia e boas práticas ambientais, econômicas e sociais.

Promover o desenvolvimento sustentável como meio de alcançar o progresso social e econômico nos países produtores de café, bem como promover o consumo do produto, tem sido um dos principais objetivos da Organização. Nesse sentido, a OIC assinou um Memorando de Entendimento com a Associação 4C e a Iniciativa de Comércio Sustentável (IDH), como forma de promover a sustentabilidade do mercado mundial de café em longo prazo, mantendo o foco no produtor rural.

Um dos objetivos dessa cooperação é dimensionar de forma eficiente as iniciativas existentes nos países-membros produtores e preencher as lacunas existentes. A criação e estabelecimento de níveis de sustentabilidade, por exemplo, pode trazer maior transparên-



cia ao mercado mundial do produto.

Também visando a transparência, outro tema bastante discutido foi o aperfeiçoamento das estatísticas do setor. Recentemente foi criada uma Mesa-Redonda de Estatísticas para melhorar a qualidade dos levantamentos da Organização. Durante reunião do Comitê de Estatísticas, um representante da Mesa-Redonda apresentou as inconsistências dos dados de produção e dos estoques publicados pela OIC a partir de informações dos países-membros produtores.

Conforme apresentado, dos 40 países-membros exportadores apenas 5 (representando 51,4%) cumpriram os requisitos estatísticos da OIC, enquanto 8 (6,4%) tiveram boa adesão e 9 países (11,3%) tiveram cumprimento parcial. Além disso, 15 países não cumpriram inteiramente

com a suas obrigações estatísticas, sendo um deles o Vietnã. As exportações totais por estes países representam 20,7% da média das exportações de café nos últimos quatro anos.

A Delegação da Indonésia informou que estão buscando uma nova metodologia para o levantamento dos dados no país e solicitou o apoio da OIC. Quanto ao Vietnã, não houve esclarecimento, já que nenhum representante estava presente no plenário.

Os resultados mostram uma grande lacuna nas estatísticas produzidas e fornecidas pelos países-membros produtores, o que afeta a credibilidade da OIC, além de intensificar a volatilidade das cotações e comprometer o planejamento dos negócios cafeeiros.

Até a próxima Sessão do Conselho Internacional do Café



Robério Silva, Deputado Federal Evair Vieira de Melo e Embaixador Claudio Frederico de Matos Arruda

que será realizada em setembro de 2015, o Comitê de Estatísticas ficou estudando uma forma de incentivar os países a se empenharem no aperfeiçoamento de suas estatísticas.

Dentro disso, vale destacar a importância de que o Brasil, maior produtor e exportador de café do mundo, invista no aprimoramento de suas estatísticas de produção e estoque, visando corrigir as inconsistências, subsidiar as tomadas de decisões pelo setor e transmitir credibilidade ao mercado mundial. ☺



**CURSOS ONLINE
AGRIPOINT**

Já pensou em atualizar seus conhecimentos sem sair de casa?

A AgriPoint realiza Cursos Online voltados para o agronegócio desde o ano 2000. Até hoje, foram mais de 360 cursos ministrados por especialistas renomados em suas respectivas áreas. Mais de 25.000 alunos foram capacitados vindos de todo Brasil e de mais de 20 países.

Confira nossa programação de cursos em:
www.agripoint.com.br/cursos



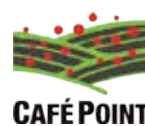
“Um curso de elevado nível de conhecimento, onde além de aprender, temos a possibilidade de tirar dúvidas e interagir com o instrutor. Os exercícios nos ajudam a fixar o conteúdo. Enfim, é um curso completo!”

Jaqueline Nunes da Silva, Araxá – MG



“Cursos altamente recomendáveis, pela sua praticidade, conteúdo e aplicabilidade do conhecimento. Vale a pena investir na formação, realizando os cursos da AgriPoint.”

Guilherme Leão, Guarapuava – PR



Escassez hídrica é grave. Soluções existem, mas passam por políticas sérias e bem planejadas de precificação correta da água.



22

A crise hídrica colocou o Brasil em alerta. O País tem aproximadamente 12% da água doce do planeta, mas o uso irracional só cresce. Historicamente, faltam planejamento e gestão, mas é necessário reduzir perdas e desperdícios, e acima de tudo endereçar o principal fundamento que leva ao consumo descontrolado: o preço da água. Precisamos reconhecer que o modelo de cobrança pela água está errado, já que o preço não cobre nem o custo de distribuição, sem falar na depreciação da infraestrutura e nos investimentos em Pesquisa & Desenvolvimento.

Na esfera maior dos problemas relativos à indisponibilidade hídrica se encontram as mudanças climáticas, o aumento populacional, as ele-

vadas taxas de urbanização, ausência de políticas públicas corretas e de longo prazo, entre outros fatores. Nos aspectos específicos, ligações clandestinas e outras fraudes, instalações precárias por despreparo e/ou uso de tecnologias ultrapassadas e ineficientes, e uma latente falta de conhecimento acerca do uso consciente da água são os vilões.

Campanhas de conscientização, bônus para quem economizar e restrição de uso conseguem apresentar em maior ou menor nível alguns resultados. Mas, passado o pior momento, tudo volta a ser como antes, onde a conjuntura é atacada, mas as reformas estruturais escorrem pelo ralo.

Taxar o desperdício ou cobrar a mais por quem tem ne-

cessidade de consumo maior é uma medida a ser, seriamente, estudada, de olho na oferta hídrica futura. Entretanto, os valores arrecadados não podem se perder nos labirintos do Estado. Uma política pública desta magnitude deve prever um compromisso legal de que o dinheiro obtido seja direcionado ao desenvolvimento de projetos, obras, inovação tecnológica, ações voltadas ao melhor uso e distribuição da água.


A Lei do Saneamento de 2007, dirigida à regulamentar abastecimento e tratamento de esgoto, foi incapaz de normatizar o comprometimento das autoridades. Deveria haver legislação que criminalizasse gestores públicos que não cumprissem metas para o saneamento básico, área que

seria muito mais bem atendida caso a iniciativa privada substituisse as companhias ligadas aos municípios. Muito se fala que a agricultura é o maior consumidor de água, mas faltam estatísticas confiáveis e dados sobre o uso em toda a cadeia produtiva. O gasto hídrico excessivo numa indústria beneficiadora não pode ser imputado à atividade no campo.

No Brasil, a maioria dos cultivos é feito com água da chuva, o que maximiza a eficiência da utilização dos recursos hídricos, embora haja carência de políticas públicas que estimulem a produção e armazenamento de água durante o período chuvoso. O consumo agrícola de água no Brasil, segundo a Embrapa, está de acordo com a média mundial em torno de 55%. A irrigação – apontada como a maior responsável pelo uso da água na agricultura – ocupa apenas 8% da área plantada.

Porém, a expansão da irrigação se faz necessária a fim de melhorar a eficiência no uso da água. Para isso, é preciso um planejamento que seja discutido com a sociedade, o qual exponha que os investimentos necessários – em tecnologia e manejo, por exemplo – terão que ser genuinamente repassados ao preço da produção agrícola. Há terreno para melhorar o uso da água na agricultura, e de modo geral, o produtor vem fazendo sua parte, produzindo cada vez mais com menos e adotando boas práticas, como o plantio direto, que retém água no solo.

Outra ação amiga da água no campo é a conservação de nascentes pelos agricultores que atuam como verdadeiros produtores de água. Exemplo clássico é o programa “Conservador das Águas” de Extrema (MG). Existem outros esforços pontuais, mas faltam

políticas públicas em nível nacional, que massifiquem a prática. A escassez de água é grave. Soluções existem, mas passam por políticas sérias e bem planejadas de precificação correta dos recursos hídricos. 



Gustavo Diniz Junqueira, é
Presidente da Sociedade Rural Brasileira
(SRB)



CURSOS ONLINE
AGRIPOINT

Curso Online • **Correção do solo e adubação do cafezal** | Início: 20/05

Aprenda a avaliar a fertilidade e corrigir o solo de forma eficiente, adubar e aplicar os fertilizantes para **garantir a máxima produtividade do cafezal.**

Com: **André Guarçoni** (pesquisador da Incaper)

Gostou? Então acesse:
agripoint.com.br/curso/adubação-cafe

 
AGRIPOINT CAFÉ POINT
contato@agripoint.com.br
(19) 3432 - 2199

O atual panorama jurídico da Contribuição ao Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural - FUNRURAL



Como vem sendo amplamente divulgado, o Supremo Tribunal Federal – STF, e, o Superior Tribunal de Justiça – STJ, têm realizado a análise da Contribuição ao FUNRURAL, seja através do controle de sua constitucionalidade, seja em decorrência da ausência dos elementos necessários para viabilizar a sua exigibilidade, ensejando, assim, as mais diversas dúvidas sobre se a sua cobrança é, ou não, realmente devida.

Com o presente artigo, pretendemos esclarecer estas e outras dúvidas daqueles que, cada vez mais assoberbados com a pesada carga tributária imposta às suas respectivas atividades, sofrem com a incidência da Contribuição ao FUNRURAL.

A primeira, e talvez mais conhecida, oportunidade em que o STF procedeu ao controle de constitucionalidade da Contribuição ao FUNRURAL, decorreu do julgamento de Recurso Extraordinário interposto por uma empresa de Minas Gerais, em sessão realizada em 03 de fevereiro de 2010, onde o Ministro Marco Aurélio, Relator do caso, entendeu que o tributo em questão afronta a princípios assegurados constitucionalmente, e que não preenche todos os requisitos exigidos para a sua instituição, também expressamente definidos pela Constituição Federal de 1988.

Três foram os motivos que levaram o Ministro Marco Aurélio a proclamar a inconstitucionalidade da Contribuição ao FUNRURAL.

O primeiro, porque os empregadores rurais pessoas físicas já são obrigados ao recolhimento da Contribuição

Previdenciária sobre a folha de salários, prevista no artigo 195, inciso I, alínea “a”, da Constituição Federal, e, da COFINS, que tem como base de cálculo o seu faturamento, prevista na alínea “b”, daquele mesmo artigo, incluído pela Emenda Constitucional nº 20, de 15 de dezembro de 1998, razão pela qual não haveria lugar para ter-se novo ônus, relativamente ao financiamento da Seguridade Social.

À duas, porque fere o princípio da isonomia, consagrado pelo artigo 5º, da Constituição Federal, o qual garante tratamento igualitário àqueles que iguais forem perante a lei, sem distinção de qualquer natureza.

Assim, implica em ofensa ao princípio da isonomia o fato de o produtor rural, que não possui empregados, ser obrigado ao recolhimento da Contribuição Previdenciária sobre o resultado da comercialização de sua produção, enquanto que, se este mesmo produtor rural possuir empregados, é obrigado ao pagamento não só da Contribuição Previdenciária sobre a folha de salários, como também da COFINS incidente sobre o faturamento, e, por fim, da Contribuição ao FUNRURAL sobre o valor comercializado.



Portanto, sob tais bases de cálculo, o empregador rural pessoa física receberia tratamento tributário desfavorável em relação aos contribuintes não-empregadores, que, na forma do artigo 195, inciso I, alínea “a”, da Constituição Federal, obrigam-se ao recolhimento da Contribuição Previdenciária somente sobre a folha de salários.

A terceira razão pela qual o Supremo Tribunal Federal entendeu pela inconstitucionalidade da Contribuição ao FUNRURAL, e, talvez, a mais significativa, deve-se à irregularidade formal em que se deu a sua instituição. Isto porque, o artigo 195, §4º, da Constituição Federal, de forma expressa e taxativa, determina que a criação de nova fonte de custeio para a Seguridade Social, como é o caso do tributo em questão, somente poderá se dar por meio de Lei Complementar.

Desta forma, uma vez que a Lei nº 8.212/1991, mesmo após as alterações promovidas pelas Leis nº 8.540/1992 e nº 9.528/1997, acarreta a bitributação, fere ao princípio da isonomia, e institui a Contribuição ao FUNRURAL quando esta dependeria, necessariamente, de Lei Complementar, o Supremo Tribunal Federal, muito corretamente, declarou a sua inconstitucionalidade.

Com a ampla atenção que a questão mereceu, o STF, posteriormente, resolveu reconhecer a Repercussão Geral da matéria, ou seja, selecionou um novo Recurso Extraordinário para ser julgado, este de uma empresa do Rio Grande do Sul, a fim de que o seu resultado fosse aplicado para todos os casos semelhantes em curso no Poder Judiciário.

O Relator deste processo, Ministro Ricardo Lewandowski, seguindo a mesma linha adotada no precedente de Minas Gerais, entendeu que “... ainda que se afastasse a duplicidade da contribuição a cargo do produtor rural pessoa física empregador por inexistência de previsão pela de sua contribuição para a COFINS, não se poderia desconsiderar a ausência de previsão constitucional para a base de incidência da contribuição social trazida pelo art. 25, I e II, da Lei 8.212/1991, a reclamar a necessidade de instituição por meio de lei complementar. ...”.

Sendo assim, a exigência da Contribuição ao FUNRURAL se deparou com uma barreira intransponível, ou seja, a necessidade de que a sua instituição se desse por meio de Lei Complementar, o que, até a presente data, ainda não foi providenciado.

Contudo, rotineiramente observamos que a Secretaria da Receita Federal do Brasil vem insistindo na sua exigência, sob o pretexto de que a Lei nº 10.256, de 09 de julho de 2001, que também não é Lei Complementar, teria tido o condão de “constitucionalizar” a Contribuição ao FUNRURAL, na medida em que alterou o *caput*, do artigo 25, da Lei nº 8.212/1991, supostamente adequando-o às disposições incluídas na Constituição Federal pela sua Emenda nº 20/1998. Todavia, a pretensão da RFB, no nosso entendimento, não merece prosperar.

Isto porque, grande parte de nossos Tribunais, ao se debruçarem sobre a questão, vêm decidindo que, além de não ser Lei Complementar, não poderia essa norma capenga, natimorta, operar o milagre de consti-

tucionalizar a exação, vez que busca perpetuar a exigência da Contribuição ao FUNRURAL com base no fato gerador e nas alíquotas de que tratam os incisos I e II, do artigo 25, da Lei nº 8.212/1991, os quais, na redação da Lei nº 9.528/1997, também foram declarados inconstitucionais pelo STF.

Este entendimento decorre do fato de que não existe, dentro do universo do Direito Tributário, a possibilidade de se exigir tributo, qualquer que seja, sem que se tenha concretizada a necessária Tríade Tributária (Fato Gerador x Base de Cálculo x Alíquotas). Ora, se os incisos I e II, do artigo 25, da Lei nº 8.212/1991, que definem o fato gerador e as alíquotas da Contribuição ao FUNRURAL, foram declarados inconstitucionais pelo STF, e não foram objeto de nova redação quando do advento da Lei nº 10.256/2001, forçoso reconhecer que, ainda que esta tenha sido editada em observância dos contornos da Emenda Constitucional nº 20/1998, ela apenas criou a contribuição sem, contudo, delinear os demais elementos necessários para, digamos, “operacionalizar” a sua exigibilidade.

E mesmo que assim não fosse, a irregularidade formal na instituição da Contribuição ao FUNRURAL, até hoje, não foi superada, conforme o entendi-

Afonso Lourenço Sócio
Fundador e Francisco
Netto sócio da Lourenço e
Rodrigues Advogados.



mento exposto pelo Ministro Marco Aurélio que, ao fundamentar a sua convicção no julgamento da Repercussão Geral oriunda do Rio Grande do Sul, esclareceu que “... *Veio à balha não uma lei complementar que atendesse ao artigo 195, § 4º, da Carta Federal, mas uma lei ordinária, a nº 10.256/2001. E nem se diga que a Emenda Constitucional nº 20 acabou por placitar a utilização de lei ordinária para criação desse tributo, porque apenas alterou o § 8º do artigo 195 para expungir a referência a garimpeiro. ...*”.

Ocorre que, o Ministro Lewandowski, apesar de reconhecer que a inconstitucionalidade da exigência da Contribuição ao FUNRURAL foi reconhecida quando do julgamento do Recurso Extraordinário com Repercussão Geral interposto por empresa do Rio Grande do Sul, do qual também foi Relator, curiosamen-

te, alega que não houve, naquela oportunidade, e, nem no precedente de Minas Gerais, relatado pelo Ministro Marco Aurélio, o exame da matéria sob o enfoque da exigência do tributo com fundamento em Lei Ordinária editada após a Emenda Constitucional nº 20/1998.

Assim, a constitucionalidade da “reinstauração” da Contribuição ao FUNRURAL pela Lei nº 10.256/2001, como ocorreu com as suas antecessoras, está sendo submetida ao crivo do STF, em novo Recurso Extraordinário com Repercussão Geral já reconhecida, tendo o Ministro Ricardo Lewandowski, novamente, sido designado como Relator do processo.

Desta forma, tal incoerência, ou, até mesmo, contradição, entre as posições adotadas pelos Ministros Marco Aurélio e Ricardo Lewandowski, este último, em momentos distintos, apesar de

não trazer consequências práticas ao que já foi conquistado, e, de nos forçar, por cautela, a acender um “sinal amarelo” quanto ao tema, não afasta as exigências já definidas pelo STF e por grande parte de nossos Tribunais, que, esperamos, serão mantidas, quais sejam, a necessidade de Lei Complementar para a instituição de nova fonte para o custeio da Seguridade Social, como é o caso da Contribuição para o FUNRURAL, e a formação da necessária Tríade Tributária (Fato Gerador x Base de Cálculo x Alíquota) para fins de possibilitar a sua exigibilidade.

Por tais razões, em que pese a robustez das teses existentes que demonstram a inexigibilidade da Contribuição ao FUNRURAL, resta ao STF definir a questão de uma vez por todas, ou seja, declarar, ou não, a sua inconstitucionalidade, mesmo sob a égide da Lei nº 10.256/2001, bastando-nos, pacientemente, aguardar. ☺

Anuncie aqui



(21) 2516 3399

“Oferta Brasileira: Desafios, tendências e sustentabilidade da produção brasileira e consumo interno.”

SAVE THE DATE
18 e 19
de maio 2015

O CeCafé orgulha-se de realizar, pela sexta vez, o evento Forum & Coffee Dinner. O apoio de nossos associados e a presença de empresários ligados direta e indiretamente ao agronegócio café têm sido decisivos para posicionar este evento como um dos mais importantes no calendário do setor cafeeiro.



Painéis do Fórum

Painel Panorama Econômico Mundial



Fabiana D'Atri
Economista Coordenador do
Departamento de Pesquisas e Estudos
Econômicos do Banco Bradesco

Painel Sustentabilidade



A Sustentabilidade do Agronegócio Brasileiro
Gustavo Diniz Junqueira
Presidente da Sociedade Rural Brasileira

Painel Brasil: Oferta Brasileira / Tendências



Oferta de Cafés Arábica
Jefferson Carvalho
RaboBank



Oferta de Cafés Robusta
Sérgio Giestas Tristão
Presidente da Tristão Cia. de Comércio
Exterior, da Triscafé de Armazéns Gerais,
da Realcafé Solúvel do Brasil e membro
do Conselho de Administração
da Tristão Administração e Participações.



**Tendências de Mercado e
Consumo Interno**
Pedro Lima
Presidente do Grupo 3corações

Painel Mundo: Oferta e demanda mundial e mercados emergentes



Arábica
Henry C. Dunlop
Presidente da Atlantic USA LLC



Robusta
Octavio Pires
Diretor da Louis Dreyfus
Commodities Brasil S/A



**Tendências do Consumo Mundial
e Mercados Emergentes**
Roberio Oliveira Silva
Diretor-Executivo da Organização
Internacional do Café



Museu da Imigração promove seminário internacional

Instituições museológicas do Brasil e do exterior debatem o papel dos museus na discussão de temas como migrações e identidades

Questões ligadas aos movimentos migratórios e as influências desses processos no mundo contemporâneo foram pauta no “Seminário Internacional: museu, migrações e identidades”, realizado entre os dias 26 e 28 de março, no Museu da Imigração. A iniciativa é uma realização do Museu da Imigração em parceria com o Consulado Geral dos Estados Unidos da América em São Paulo, com apoio do *British Council* e Consulado Geral da República Argentina.

O encontro foi o primeiro evento em São Paulo que reuniu instituições museológicas do Brasil e exterior (Estados Unidos, Reino Unido, Argentina e Uruguai) voltadas aos temas-chave do seminário. A proposta, segundo Marília Bonas, diretora executiva do Museu da Imigração foi “destacar as atuações dessas entidades no mundo contemporâneo, colocando seus acervos, programas e projetos em evidência”.

Foram abordados pontos como os trabalhos de organi-

zações paulistas que abrangem as diásporas indígenas, africanas e judaicas, mostrando o papel do museu na discussão das identidades no estado. Também foram debatidos o cenário latino-americano dos museus de imigração, as hospedarias de imigrantes musealizadas e como todos esses aspectos dialogam com as realidades atuais.

Participaram do evento especialistas de referência internacional como Diana Pardue, do Ellis Island Immigration



João Kulcsar, Roberto Ticoulat, Rakesh Surampudi, Secretário de Cultura Marcelo Araújo, Jorge Schwartz, Renata Motta e Marília Bonas

Museum (Nova Iorque, EUA); Julia Cort, do Horniman Museum and Garden (Londres, Inglaterra); Diana Wechsler, do Museo Nacional de la Inmigración (Buenos Aires, Argentina); Irene Cabrera, do Museo de las Migraciones (Montevideo, Uruguai).

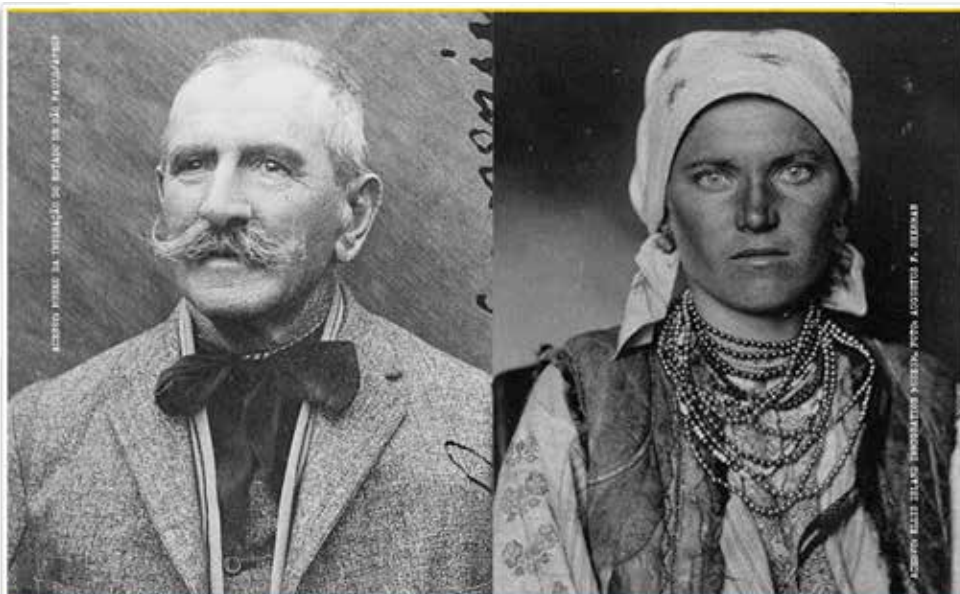
Do Brasil, estiveram presentes o professor Dr. Odair Paiva, da UNIFESP (São Paulo); Luis Resnik, do Centro de Memória da Imigração Ilha das Flores (Rio de Janeiro); Maria Cristina de Oliveira Bruno, do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (São Paulo); Ana Lucia Lopes, Museu Afro-Brasil (São Paulo); Roberta Sundfeld, do Museu Judaico (São Paulo) e Dilney Cunha, do Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville (Santa Catarina) e Sidney Tartaruga, do Museu de Favela (Rio de Janeiro).

Exposição Retratos Imigrantes

Também fez parte do programa do seminário a abertura da exposição “Retratos Imigrantes”. A exposição promove um intercâmbio entre os acervos do Museu da Imigração do Estado de São Paulo e do Museu da Imi-

gração de Ellis Island (Nova Iorque). Composta por 50 fotografias das duas primeiras décadas do século 20, a temporária compartilha as semelhanças do cenário imigratório da época nos dois países.)

CRÉDITOS: ACERVO MI



RETRATOS IMIGRANTES



Micro-terraceamento em cafezais de montanha, com uso de tração animal

J. B. Matiello - Eng Agr Fundação Procafé, Hugo V. Siqueira Eng Agr FAERJ, Wallace P. Couto Tec Agr Programa Bule Cheio e Francisco Degli Sporti- cafeicultor

A cafeicultura de montanha no Brasil abrange uma área de cerca de 700 mil ha de cafezais, com produção anual de 13-15 milhões de sacas. Pela topografia inclinada das áreas, ela apresenta limitações à mecanização convencional, o que eleva os custos de produção do café nessa região, pela necessidade de uso de mão de obra, escassa e cara, nos tratos e na colheita das lavouras.

O micro-terraceamento, nas ruas dos cafezais, tem surgido como uma boa alternativa para facilitar os tratos

nas montanhas, formando um caminho mais plano nas ruas, como se fosse uma estrada estreita entre 2 linhas de cafeeiros, por ali podendo transitar tratores estreitos com equipamentos para os tratos.

A prática de micro-terracear, apesar de ser introduzida só recentemente, tem despertado grande interesse nos cafeicultores, pela facilidade que oferece. Por isso, sua adoção vem crescendo e, paralelamente, vem sendo aperfeiçoada, no sentido de torná-la mais econômica.

Atualmente já se tem disponíveis 5 sistemas ou modos de construir os micro-terraços em cafezais. O método inicial utiliza tratores traçados, operando de marcha-ré, com lâmina traseira, apresentando a desvantagem de custo elevado e de risco operacional, estimando-se um rendimento de 30-40 h de serviço por ha, ou o equivalente a cerca de 3000,00 a 4000,00 por ha.

Experiências tem sido feitas, também, com máquina tipo BobCat de esteira, com concha escavadeira e lâmina dianteira, para acerto do terraço. Está crescendo, também, o traba-

lho com pequenos tratores de esteira, com lâmina dianteira, especialmente tratores estreitos importados, estes fazendo um ha em 10-20 hs, ou cerca de 1500,00-3000,00 por ha. Até a abertura manual de micro-terraços, com trabalhadores munidos de enxadão e enxadas, foi experimentado em área da Zona da Mata de Minas, sendo construídos terraços em uma área de 8 ha, chegando-se a uma necessidade de 25 hd/ha ou cerca de 1300,00 por ha.

Viabilidade de uso de tração animal

Para as pequenas propriedades cafezeiras, que predominam nas montanhas, a abertura dos micro-terraços, com o uso de tração animal, tem se mostrado um sistema mais acessível e bastante econômico.

O sistema usa um pequeno arado, puxado por um boi ou burro, no corte/revolvimento da terra, iniciando de baixo para cima no declive, sendo necessárias 4-5 passadas, para cortar a largura desejada, de 1,3 a 1,5 m. Trabalha-se com um boi puxando e dois operadores. Um na frente, na guia do boi e outro, atrás, manejando o arado ou a lâmina auxiliar.

Em seguida, a terra solta precisa ser removida, sendo que essa operação, de acerto

do terreno, vinha sendo feita com o uso de enxadas ou de vaca de madeira, com dificuldades de custo e no manuseio do dispositivo.

Para facilitar e reduzir o custo do trabalho desenvolveu-se uma lâmina, também de tração animal, para limpar e acertar/nivelar e alargar o piso do terraço, fazendo a pista de trânsito. Esta lâmina foi idealizada à semelhança de modelo existente nas máquinas que patrolam as estradas.

A lâmina é de aço, côncava, leve, com 20 cm de altura por 1,2 m de comprimento. Ela foi acoplada a uma estrutura de um arado metálico de tração animal, no qual foi retirada a aiveca. Foi mantido o talão do arado e, logo acima, foi soldada uma chapa, onde foi feito um orifício, para receber, através de um pino móvel, o acoplamento da lâmina. Para esse acoplamento, a lâmina recebeu, em sua parte posterior, 3 pequenas porções de tubos, ali soldados, um no centro e dois nas extremidades da lâmina, os quais possibilitam, conforme a necessidade, o posicionamento da lâmina, quando em trabalho, podendo ficar centralizada ou deslocada, para a direita ou esquerda, permitindo a angulação ideal para a remoção da terra, no seu movimento de ida e vinda, sempre posicionada para deslocar a terra para baixo, em relação ao declive.

A sustentação da lâmina, na posição de trabalho, é feita através de uma chapa, com vários



O sistema inicial de abertura de micro-terraços, com trator trabalhando de ré, com lâmina traseira.



Arado leve, helicoidal, para tração, por um só animal, visando cortar o terreno e afogar a terra, na construção dos micro-terraços.

furos, que permite a angulação desejada, a qual fica presa, com pinos móveis, um na extremidade da lâmina, outro no chassi do arado.

Após o corte da terra, feito através das passadas do arado, a lâmina é usada em 2 passadas, começando de cima para baixo. Ela pode ser usada, ainda, para acertos futuros do piso dos micro-terraços, ou, caso necessário, até para capina/controlar o mato que ali venha a crescer no cafezal.

O boi trabalha na velocidade de cerca de 2 km/h e as melhores condições operacionais ocorrem com solo úmido, porém sem excesso, o que possibilita menor esforço do animal, permitindo corte e deslocamento adequado da terra, sem embolar o serviço.

O desenvolvimento e o teste da lâmina foi feito trabalhando em lavoura de café no município de Bom Jesus do Itabapoana, no estado do Rio de Janeiro, em terreno com solo lva, com declividade de cerca de 40%.

Com base nos bons resultados operacionais obtidos verificou-se que o dispositivo da lâmina pode auxiliar, com maior rendimento e menores custos, a prática de micro-terraceamento, em cafezais de montanha, em pequenas propriedades.

O rendimento observado na abertura dos micro-terraços, com tração animal, foi de 4 dias de trabalho por ha, com custo aproximado de 600,00 por ha.

Foram, ainda realizadas observações iniciais sobre o comportamento dos terraços e dos cafeeiros na área terraceada, até aos 4 meses após o micro-terraceamento. Nesses terraços operou-se, também, com um trator de bitola de cerca de 1m, com pulverizador de 300 l acoplado.

Resta acrescentar que, para um bom trabalho, possibilitando a abertura de terraços com 1,30-1,50 m de largura, indica-se usar espaçamentos nas ruas das lavouras na base de 2,5-3,0 m, com o serviço sendo facilitado após podas.) (E



O micro-terraço pronto, facilitando todo o trânsito na rua dos cafeeiros.



Lâmina de tração animal desenvolvida para retirar terra e plainar o piso do micro-terraço.



Detalhe da lâmina, vendo-se os eixos de posicionamento e a sua fixação na base de um estrutura de arado de tração animal.



Operando com a lâmina de tração animal.



PROJETO

PRODUTOR INFORMADO



Lavoura e Tecnologia:
Combinação perfeita!

Turmas

113

Alunos

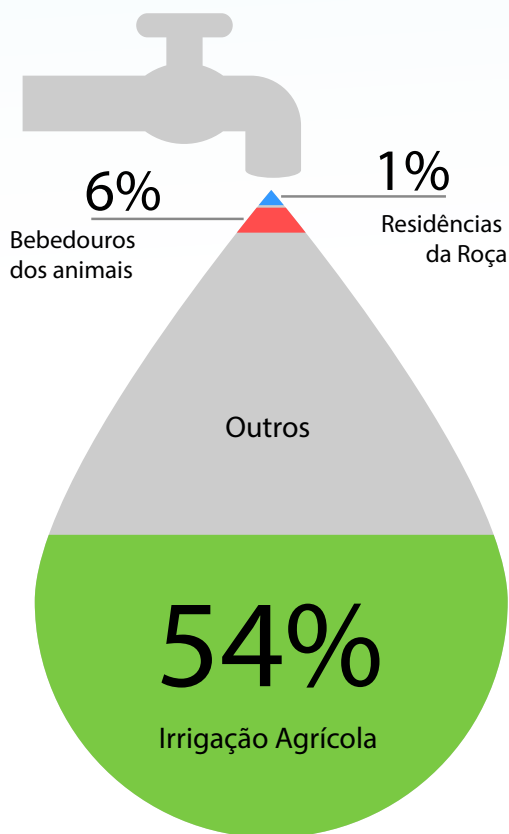
962



Irrigação agrícola e desperdício de água



34



Nestes tempos dramáticos de crise hídrica, é normal que se procurem os responsáveis pela desgraça. Um jogo de interesses, porém costuma esconder-se nessa busca de responsabilidades, querendo diluir a culpa. Tem gente, agora, dizendo que o grande vilão do desperdício de água no Brasil é a agropecuária. Tem cabimento isso?

Nenhum. A afirmação representa uma malvadeza da cidade para denegrir o campo. O incauto raciocínio parte da informação, correta, de que 61% da retirada de água dos mananciais brasileiros se destina ao uso rural, assim distribuído: 54% na irrigação agrícola, 6% nos bebedouros dos animais e 1% nas residências da roça. No meio urbano, os domicílios demandam 27% da água e a indústria capta 12%. O informe refere-se a 2010 e constam do último Relatório de Conjuntura dos Recursos Hídricos, da Agência Nacional das Águas (ANA).

Para contestar a caluniosa crítica contra a agricultura minha primeira ponderação diz respeito à agregação dos dados. É bastante desigual a distribuição dos recursos hídricos no Brasil. Quando se considera apenas a bacia hidrográfica do Rio Paraná, onde se situa a metrópole paulista, os usos domésticos e industriais de água ultrapassam metade da demanda total. Na bacia do Rio São Francisco, por sua vez, os domicílios urbanos e a indústria demandam apenas 18% da água, ante 77% destinados somente à irrigação.

O segundo ponto diz respeito à evolução da irrigação. A ANA mostra que entre 2006 e 2010 houve um acréscimo de 47,5% na demanda d'água para agricultura. Mais expandiram suas áreas irrigadas as bacias hidrográficas do Paraná (acréscimo de 88%), do São Francisco (73%) e do Araguaia-Tocantins (58%). Essa expansão da agricultura irrigada, óbvio, utiliza mais água. Mas representa uma excelente notícia para o desenvolvimento sustentável do País.

Em 1970, a irrigação correspondia a apenas 2,3% da nossa área cultivada. Passados cerca de 40 anos, tal patamar subiu para 8,3%. Tornou-se

prática imprescindível na moderna fruticultura, na olericultura e na floricultura. Entre os grãos, a área irrigada abrange apenas 5% do plantio, beneficiando especialmente as lavouras de arroz e feijão, que concentram 55% da irrigação nos cereais básicos. A irrigação garante o prato nosso de cada dia.

Análises da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) indicam que os perímetros irrigados em solos brasileiros, públicos ou particulares, aproveitaram apenas 19,6% do potencial nacional das áreas disponíveis à tecnologia, ante 72% na média mundial. Quer dizer, precisamos avançar mais. No Nordeste, onde a ação pública assume papel primordial, os atuais 210 mil hectares irrigados significam pouco diante do potencial produtivo e das necessidades do desenvolvimento regional. A irrigação traz reflexos extraordinários na geração de renda e empregos locais.

De onde vem a crítica contra a irrigação? Do suposto consumo perdulário de recursos hídricos nas lavouras. Argumenta-se que se aplica água em excesso, em horários equivocados, com equipamentos obsoletos. Tais observações são, muitas vezes, pertinentes. Os antigos sistemas de irrigação padecem da obsolescência técnica, perdendo eficiência. Em contraposição, os modernos sistemas de irrigação localizada, incluindo o gotejamento no pé da planta, apresentam uma notável economia de água.

O termo “desperdício”, a rigor, não se aplica na agricultura como nas cidades. Mesmo na irrigação por sulcos, quando se desviam os córregos para regar lavouras, parecendo “gastar” muita água, o excedente retorna mais abaixo ao ciclo hidrológico natural. Ou, então, ocorre a lixiviação na profundidade do

“

O termo “desperdício”, a rigor, não se aplica na agricultura como nas cidades. Mesmo na irrigação por sulcos, quando se desviam os córregos para regar lavouras, parecendo “gastar” muita água, o excedente retorna mais abaixo ao ciclo hidrológico natural.

”

solo, alimentando o lençol freático. Nada se compara ao uso residencial, em que o precioso líquido se esvai no ralo entupido de detergentes e apodrecido com matéria orgânica na descarga da privada. O consumo humano e industrial de água destrói sua salubridade, gerando efluentes com elevada carga de poluição. A irrigação, quando erroneamente aplicada, pode carregar fertilizantes químicos, ou mesmo pesticidas, contaminando mananciais. Mas esse dano ambiental é facilmente mitigável dentro do manejo local do solo. Soa insano comparar o uso de água para a produção de alimentos ao consumo

Por fim, resta considerar uma invencionice. Trata-se da absurda contabilidade que anota a quantidade total de água consumida por um vegetal, ou um animal, durante sua vida útil, para depois concluir quanto se “gasta” na produção daquele bem. Por exemplo, pega-se um bovino e se mede quanta água ele bebe desde que nasce até ser abatido no frigorífico. Daí, divide-se pelas arrobas que pesou e se chega à

incrível conclusão: gastam-se 15 mil litros de água para produzir um quilo de carne. Com base nessas contas malucas, já vi alguém estimar que mastigar um hambúguer equivale, em consumo d’água, a tomar banho por dois meses seguidos. Parece piada.

Essa matemática boboca simplesmente desconsidera que os bichos fazem xixi e, ao urinarem, devolvem ao meio ambiente a água que dele retiraram para beber. Em seu corpo permanece apenas o líquido celular. Assim funciona o “ciclo da água”, matéria do ensino fundamental, em que os alunos aprendem que a água apenas muda de estado - sólido, líquido e gasoso -, mantendo a mesma quantidade existente no planeta Terra.

Se alguém estiver interessado em encontrar um vilão para o desperdício de água, sugiro procurar no banheiro da sua casa: basta apertar o botão da descarga na válvula hidra. Em seis segundos se esvaem dez litros para o fétido esgoto. Deixe o agricultor em paz. Aí mora a insanidade. ☹️



Xico Graziano, é agrônomo, foi secretário de Agricultura e secretário do Meio Ambiente do Estado de São Paulo
Email: xicograziano@terra.com.br



A agropecuária em tempos de insegurança

Quando perguntados sobre os problemas do país, muitos brasileiros apontam a violência como principal preocupação. Não é difícil obter imagens relacionadas à criminalidade em nossa sociedade: traficantes com fuzis importados nos morros do Rio de Janeiro, o comércio paulistano fechado devido ao temor de represálias por parte de organizações criminosas, assaltos e sequestros nas maiores cidades do Brasil. De fato, a caracterização típica remete aos exemplos de violência urbana repetidos à exaustão pela imprensa. Mesmo os que não foram personagens ou testemunhas de um crime dessas características têm tais representações presentes em seu imaginário.

Razões para tal desfecho abundam. A mais óbvia, o Brasil é um país caracterizado por índices de violência preocupantes. Dados apresen-

tados recentemente pela Organização Mundial da Saúde (OMS) mostram que, de cada 100 assassinatos no planeta, 13 ocorrem em território brasileiro. Somos, ademais, um país em que a maioria da população vive em centros urbanos. Segundo o Censo Demográfico de 2010, quase 85% dos cidadãos brasileiros mora em cidades. É possível que a cifra esteja um pouco exagerada, dado que a própria definição de “centro urbano” não está livre de controvérsias. Critérios metodológicos à parte, entretanto, é inegável a preponderância da população urbana no país. Em muitas dessas aglomerações, predomina a precariedade: limitada presença do Estado, comunidades desestruturadas, avanço de estruturas paralelas dedicadas ao crime. Não deveria assustar, portanto, o fato de a violência ser algo tão presente nos pensamentos dos brasileiros.

Por trás das caracterizações típicas, no entanto, existe um fenômeno complexo e dinâmico. Progressivamente, a sensação de insegurança e os casos de violência vão chegando a porções do território brasileiro que, até então, eram consideradas “seguras”. Os exemplos são variados: desde a organização criminosa que utiliza uma pequena cidade como entreposto para seus negócios, passando pelo aumento da atividade criminosa em uma dada região rural. Pode-se dizer que a violência no Brasil possui não apenas sua face mais visível, e urbana, como uma crescente participação na rotina das pessoas que habitam o interior do Estado. Diante de organizações criminosas dotadas de uma considerável capacidade de mobilização e ação, o reduzido aparato de segurança existente na maioria dos municípios brasileiros é praticamente inócuo.

Questão fundamental diz respeito às consequências econômicas da violência sobre a agricultura brasileira. Antes de tratar a questão, vale a pena partir de um caso extremo. Exemplo útil é encontrado na escolha das culturas cultivadas em regiões assoladas pelo flagelo da guerra. Em muitos países africanos, os contínuos conflitos deixaram marcas na sociedade local. Frequentemente, predomina o temor e a escolha de estratégias de sobrevivência de curto prazo. O motivo é simples: para reproduzir sua ação ao longo do tempo, os agentes responsáveis pela violência precisam de dinheiro. Dessa maneira, mesmo áreas relativamente afastadas dos enfrentamentos sofrem com o confisco da colheita por parte de exércitos e milícias, que usam tais recursos para a compra de armas e a alimentação das tropas.

Respondendo aos constantes saques, muitos agricultores africanos abandonaram a zona rural. Por sua vez, pesquisas têm buscado identificar culturas de menor interesse para os grupos envolvidos no conflito e que, ao mesmo tempo, possam garantir o pão de cada dia aos produtores. O desafio é encontrar atividades que não levem ao estabelecimento de um estoque, dado que estes fatalmente serão roubados. Em outras palavras, a intenção é a de encontrar um alívio no curto prazo, ainda que isso signifique que os recursos detidos pelos agricultores sejam usados de forma bastante inferior ao seu potencial, e sem um planejamento mais detido que leve em conta o futuro.

Embora ofereça casos extremos, a África nos ajuda a entender o que ocorre quando produtores rurais têm que lidar com a violência. O

aumento dos índices de criminalidade no interior do Brasil pode influenciar, por exemplo, decisões de investimento. O pecuarista que lida roubos de gado provavelmente buscará diversificar suas fontes de renda, ou deixará de investir em atividades produtivas para gastar mais na proteção daquilo que tem. Na cafeicultura, armazenar a colheita na propriedade pode ser uma decisão perigosa e, por isso, dinheiro tem que ser direcionado a prioridades que nada têm a ver com o número de sacas colhidas por hectare. Roubos de tratores ou outros implementos agrícolas igualmente podem afetar a predisposição dos agricultores a usarem seu tempo e recursos financeiros para adquirir bens responsáveis pelo aumento da produtividade.

Os exemplos poderiam seguir, mas não é essa a intenção. O que os parágrafos acima tentam ilustrar é simples. Ao observarem o aumento da violência, os agentes econômicos tendem a responder de diversas maneiras. Adaptação é a primeira reação, e costuma ocorrer quando o risco é moderado. Nesse caso, espera-se um aumento do gasto com a proteção do patrimônio, o que pode ser considerado um desperdício por não contribuir diretamente para o aumento da produtividade da propriedade. Outros podem optar por mudar suas áreas de atuação, escolhendo atividades em que a probabilidade de roubo é menor, ainda que os ganhos se reduzam. Finalmente, casos extremos são respondidos com o abandono das terras e emigração, conforme observado em países da África e da América Central.

Sob a ótica da economia, portanto, o agricultor pode ser visto como o gestor de um dado conjunto de recur-

sos. A forma como o fará depende de diversos fatores: a informação que detém para tomar decisões, o conhecimento acumulado sobre o potencial de geração de lucros daquilo que possui, os incentivos que derivam das relações humanas observadas em uma dada sociedade. Ao se deparar com o flagelo da violência, é natural que opte por subutilizar os recursos disponíveis. Tal decisão pode se materializar, em casos extremos, no abandono da atividade. Não é preciso a eclosão de uma guerra, porém, para que o desempenho econômico seja afetado. Habitantes de regiões com um nível alto de criminalidade tendem a optar por “soluções de curto prazo”. Estas, ainda que permitam certo alívio, prejudicam a competitividade no futuro. Daí a importância da garantia de um ambiente seguro para que os indivíduos possam tomar suas decisões de investimento. ☹️

Este artigo foi publicado originalmente no site CaféPoint - www.cafepoint.com.br.

Bruno Varella Miranda, é Mestre em Administração pela USP e doutorando em Economia Agrícola pela Universidade de Missouri - Columbia





Sede da Fazenda

Fazenda Vista Alegre: templo de cultura e desenvolvimentismo

38

Quanto mais nos aprofundamos na história das fazendas estabelecidas no município de Valença, mais nos surpreendemos pelo fato de que ali, em terras tão distantes do centro cultural do Brasil do segundo Império, encontrava-se um verdadeiro celeiro de homens fazendeiros, imbuídos do espírito desenvolvimentista daqueles tempos.

A fazenda Vista Alegre foi, a partir dos meados do século XIX, palco de

grandes eventos e comemorações, e talvez o acontecimento mais relevante tenha sido a criação de uma escola as crianças nascidas livres. O jornal Gazeta de Notícias de 26 de dezembro de 1879 traz no título “Escola para Ingênuos” detalhes senão importantes, pelo menos interessantes, ao escrever:

“Na fazenda denominada Vista-Alegre inauguraram no dia 23 do corrente os beneméritos viscondes de Pimentel, abastados agricultores no município de Valença, da província do Rio de Janeiro, uma escola destinada á instrução dos filhos livres das suas escravas.”

Prof.^a Leila Vilela Alegrio

De fato, a descrição da escola mostra o esmero com que o visconde de Pimentel, Joaquim Gomes Pimentel, fez construir aquele prédio.

“A escola é um edificio perfeitamente preparado e iluminado a gaz, compreendendo um salão para aulas, o refeitório, a biblioteca, sala de espera, cozinha e uma outra sala que deve servir para deposito.”

Informa-nos ainda a referida Gazeta de Noticias que a escola possuía 42 alunos, sendo 27 do sexo masculino e 15 do sexo feminino, todos, à exceção de 8, nascidos depois da lei de setembro, e que o professor era o Sr. Arthur Fernandes de Castro



Bravo. Toda a inauguração foi acompanhada por uma banda de música (composta por escravos), muito conhecida na região, que participava de quase todas as festividades da localidade.

Antes disso, consta que o famoso pianista Louis Moreau Gottschalk, que fazia grande sucesso na corte, havia ali feito um concerto. Esta informação não é confirmada pelo pesquisador Francisco Curt Lange, estudioso da biografia de Gottschalk, contudo, é certo que o pianista pouco antes de falecer tenha se hospedado na fazenda Vista Alegre para se restabelecer da febre amarela, em 1869, segundo o sr. Curt Lange.

Com certeza o visconde tinha interesse pela literatura e pela música. Em 1874, fez uma contribuição de 500\$000 para a biblioteca municipal, que seria estabelecida no edifício da Câmara Municipal de Valença, como consta do jornal O Globo de 30 de outubro de 1874.

Mas como o sr. Visconde de Pimentel administrava a fazenda de café?

Fica claro que este ilustre fazendeiro tinha também preocupações com instalações modernas, que já em 1876, por ocasião da visita do sr. conde d'Eu à fazenda Vista Alegre, apresentava-se como uma propriedade de vanguarda, segundo o jornal O Globo, que descreve a visita, além das festividades da apresentação da já referida banda de música.

“O sr. Visconde Pimentel mostrou-lhe todas as machinas da fazenda: despoldadores, lavadores, batedor, engenho, ventilador e brunidor de café, e disso prendeu a sua atenção o despoldador de café secco e o aparelho de extrahir a gomma do café maduro.”

Em seguida, o conde d'Eu visitou o gasômetro, que era usado para iluminar a fazenda.

Depois do jantar oferecido a Sua Alteza, com muitas saudações e brindes, e após uma partida de bilhar, foi apresentado ao hóspede o teatro da fazenda, do qual eram os atores os próprios escravos, que representaram várias comédias e ainda de-

clamaram a poesia “Redivivo”, inspiração do Sr. Conselheiro José Bonifácio, à memória do general Andrade Neves.

É provável que para efetuar todas as mudanças de modernização e festejos na fazenda, o visconde de Pimentel tenha se endividado, uma vez que cinco anos após a visita do conde d'Eu, todas as suas propriedades, inclusive uma existente na cidade de Cruzeiro, estado de São Paulo, foram hipotecadas ao Banco Industrial e Mercantil do Rio de Janeiro, para saudar dívidas com diversos credores da região e da corte, cuja soma era assombrosa: 187 contos de réis. Desta hipoteca, além das informações já relatadas, observa-se ainda instalação de uma “linha de bonds com dois bonds e tres wagons”, e uma caieira. Esta hipoteca foi renovada em 1887, e a partir de então não se tem mais notícias do visconde de Pimentel. Sabe-se, entretanto, que em 1901 a fazenda foi arrematada em leilão pelos irmãos e sócios Álvaro e Horácio Mendes de Oliveira Castro, em 1901. ☺



Vice-governador Antônio Andrade abre Simpósio de Cafeicultura em

Manhuaçu/MG



Vice-governador Antonio Andrade

Com uma presença muito expressiva de cafeicultores e autoridades regionais, o vice-governador de Minas Gerais, Antonio Andrade, abriu o 19º Simpósio de Cafeicultura das Matas de Minas, acompanhado do Secretário de Estado de Agricultura João Cruz Reis Filho. Na abertura, a presença do Presidente da Associação Comercial de Manhuaçu André Farrath, Deputados, os exportadores Jair Coser, Presidente da Unicafé, João Gardingo, da Gardingo Trading, e o Diretor Geral do CECAFÉ, Guilherme Braga Abreu Pires. Também estiveram presentes o deputado federal Mário Heringer, os deputados

estaduais João Magalhães, Bráulio Braz e Celise Laviola, além do Prefeito de Manhuaçu – Nailton Cotrim Heringer, Presidente da Câmara Municipal – Jorge Augusto Pereira, o Vice-presidente do Conselho das Entidades do Café das Matas de Minas Sebastião de Lourdes Lopes e o Presidente da Associação de Cafés Especiais – Alexandre Leitão.

Na abertura, o coordenador Toninho Gama ressaltou a importância econômica de Manhuaçu no cenário cafeeiro. “A região é polo produtor da cafeicultura da Zona da Mata, 2º maior região produtora do estado e o simpósio é o maior evento da cafeicultura na região. É o quarto município maior produtor de café do estado. Estamos investindo na qualidade, somos vencedores de concursos nacionais e queremos crescer mais”, afirmou. Ele também solicitou que o Governo de Minas faça o georreferenciamento do café das Matas de Minas.

A previsão é que a produção de Manhuaçu alcance aproximadamente 400 mil sacas este ano, numa área de 17 mil hectares. O Valor Bruto da Produção alcançou 112 milhões em 2013, montante é o quinto maior do estado. O volume exportado é superior à produção do município, embarcando em 2014, cerca de 40 mil toneladas de café, girando em torno de US\$ 102 milhões, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. O crédito rural para a cafeicultura de Manhuaçu para a safra 13/14 fechou em R\$ 24,8 milhões, com 862 contratos firmados com produtores. A grande presença de cafeicultores e a participação significativa de mulheres levou o Coordenador do Seminário, Toninho Gama, a introduzir mudanças na programação, fazendo com que o simpósio fosse estendido para quatro dias de duração. Palestras e debates foram divididas entre apresentações de máquinas e exposição de produtos para a cafeicultura.



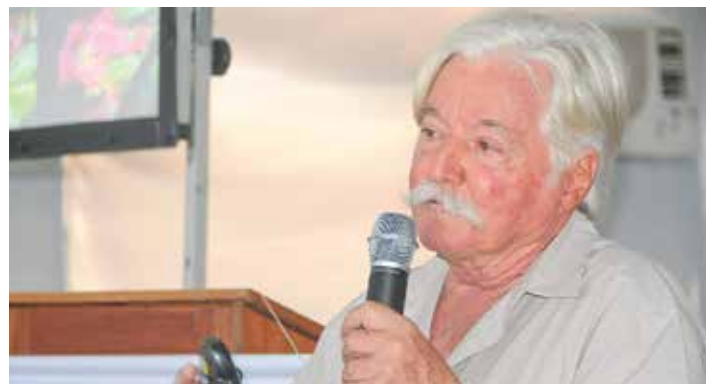
Guilherme Braga



APOIO DO GOVERNO DE MINAS

Principal programa executado em Manhuaçu, o Certifica Minas Café, tem nove propriedades certificadas no município, que implantaram boas práticas de produção e receberam o selo do programa. Na região da Zona da Mata são mais de 220 propriedades certificadas, o que corresponde a 15% do estado, com 1,5 mil propriedades. Outra importante ação, o Concurso Regional de Qualidade do Café, promovido pela Emater-MG, premia os produtores que ofertam os melhores grãos, de acordo com as características do café da região. O Secretário de Agricultura, João Cruz Reis, destacou que o objetivo é fortalecer o programa de certificação de café na região. “Nós temos um carinho enorme com a região e o Governo está empenhado em melhorar as condições dos produtores das Matas de Minas. Sou da região e quero muito que nossos programas sejam intensificados, fortalecendo a agricultura familiar, a participação das mulheres no setor e também a certificação de qualidade do café”.

Já o vice-governador, Antônio Andrade, elogiou a estrutura e mobilização promovidos pelo Simpósio em Manhuaçu. “Vejo com alegria esse momento da cafeicultura se reunir buscando novas oportunidades, melhorar a qualidade e ganhar mais mercado para o agronegócio. O café das Matas de Minas evoluiu muito nos últimos anos, prova disso, são os prêmios conquistados. Manhuaçu é um dos maiores produtores do Brasil. O Governo de Minas é parceiro do agronegócio e teremos grandes projetos para o setor”, pontuou Andrade.



Toninho Gama



ENCONTRO DE MULHERES DA CAFEICULTURA

O segundo dia do Simpósio de Cafeicultura foi dominado pela presença feminina. Pela primeira vez em 19 anos do evento, foi realizado o Encontro de Mulheres da Cafeicultura com palestras e atividades voltadas para o segmento que ganha força e participação na produção e comercialização da cafeicultura das Matas de Minas.

A iniciativa foi organizada pelas entidades parceiras do Simpósio de Cafeicultura, como a Associação de Mulheres da Cafeicultura (IWCA, sigla em inglês), o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar) e a Emater-MG, com apoio da Coocafé, Sicoob Credilivre, Appoex, Aciam, Scamg, Sebrae e o Conselho das Entidades do Café das Matas de Minas e patrocínio da Syngenta e Industrial Átila.

A presença das mulheres foi surpreendente. Segundo a mobilizadora do Senar, Isaura da Paixão, o evento começou com expectativa de presença de uma centena de mulheres. “Vimos que o evento cresceu. Cerca de trezentas mulheres atenderam o nosso convite e vieram participar do encontro”, detalhou.

Em seguida, houve pronunciamento dos parceiros e mensagens de acolhida e incentivo ao trabalho das mulheres na cafeicultura. A representante do Sicoob Credilivre, Andréia Bahia, apresentou o trabalho da cooperativa voltado para as mulheres. Maria do Carmo, da Emater-MG, demonstrou o crescimento da participação feminina na produção de café e em alternativas de renda nas propriedades, citando cursos e produtos feitos por elas.

Já a mobilizadora do Senar, Isaura da Paixão, e a representante da Coocafé, Cíntia de Matos, explicaram as conquistas e desafios para as mulheres. Elas atuam diretamente na produção de café e são fundamentais no processo de certificação das propriedades.

O grande destaque foi a palestra da gerente de certificação da Pronova, Jackeline Uliana Donna, que também integra a diretoria da IWCA Brasil. Ela despertou nas participantes o interesse em aprender mais.

Ela trouxe também duas produtoras da Associação de Mulheres Empreendedoras da Vila Pontões em Afonso Cláudio (ES). “As duas participam de todo processo de produção, pós-colheita, beneficiamento e comercialização. Uma delas montou uma torrefação e já fornece café em pó para a rede municipal de educação e para a prefeitura”, contou.

O encontro em Manhuaçu, destacou Jackeline Uliana, serviu também para aumentar a participação das mulheres na gestão das propriedades, além de fomentar o empreendedorismo feminino. “O objetivo é a sensibilização dessas participantes, mostrando a elas a importância da mulher na cafeicultura”.





Cafés do Brasil: Starbucks compra vencedor do CoE Naturals por R\$ 9.384

Participando pela primeira vez na história do principal concurso de qualidade do mundo, empresa pagou valor recorde para o café natural brasileiro.

Os cafés especiais naturais brasileiros vêm caindo no gosto dos compradores e apreciadores mundiais. No leilão do *Cup of Excellence Naturals 2014*, realizado na quarta-feira, 4 de março, o produto cultivado pelos irmãos Antônio Márcio e Sebastião Afonso da Silva, no Sítio Baixadão, em Cristina, região da Mantiqueira de Minas Gerais, foi arrematado pela *Starbucks Coffee Trading Company* por US\$ 23,80 por libra-peso, quebrando o recorde do certame. Esse lance correspondeu a *R\$ 9.384 (US\$ 3.148) por cada saca de 60 kg e proporcionou uma arrecadação total para este lote de *R\$ 144.733 (US\$ 48.552).

A *trader* de cafés especiais da *Starbucks*, Ann Traumann, em sua passagem pelo Brasil durante a fase internacional do concurso realizado pela Associação Brasileira de Cafés Especiais (BSCA), em parceria com Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil), *Alliance for Coffee Excellence* e Sebrae, disse que teve uma experiência incrível e que se encantou com o produto nacional.

“Descobri muitos lotes de cafés naturais maravilhosos. Os produtores brasileiros mostraram e me provaram que o Brasil é um país de cafés especiais”, revelou na ocasião.

Todos os lotes foram comercializados ao término do leilão, gerando uma receita total de aproximadamente *R\$ 1,2 milhão (US\$ 413.909,80). O preço médio ficou em US\$ 7,52 por libra-peso (*R\$ 2.966 ou US\$ 995 por saca), cotação 447% superior à registrada no fechamento da Bolsa de Nova York no dia (US\$ 1,3755 por libra peso), principal plataforma de comercialização de café no mundo. Os melhores cafés naturais brasileiros da safra 2014 foram adquiridos por empresas oriundas de França, Suíça, Noruega, Bélgica, Reino Unido, Japão, Coreia do Sul e Austrália, envolvendo os continentes da Europa, Ásia e Oceania. Segundo Silvio Leite, presidente da BSCA, os mais rigorosos experts do mundo estão descobrindo o potencial e o real sabor dos cafés naturais brasileiros. “Somos os maiores e mais sustentáveis produtores do mundo e, com a atuação da BSCA junto com a Apex-Brasil, ACE e Sebrae no *Cup of Excellence*, os compradores e degustadores internacionais vêm tomando ciência que nossa diversidade e nossa qualidade fazem do Brasil a nação do café”, conclui (ver matéria nesta edição).



20 anos da Fenicafé



Mesa de abertura

44

Mais de 35 milhões em negócios foram realizados na edição comemorativa de 20 anos da Feira Nacional de Irrigação em Cafeicultura, a Fenicafé, que acontece todos os anos em Araguari, no Triângulo Mineiro. Promovida pela Associação dos Cafeicultores de Araguari (ACA), a feira tem como objetivo divulgar a importância da irrigação e seus sistemas, mostrando lançamentos de produtos e equipamentos, bem como os resultados de pesquisas para o incremento da produtividade e da qualidade do café do cerrado brasileiro.

O presidente da ACA, Cláudio Morales Garcia (foto), fez um balanço dos 20 anos do evento, que este ano bateu recorde de inscrições para as palestras, o que mostra que a Fenicafé é o mais importante da cafeicultura irrigada do país. “Ficamos muito contentes, pois a feira este ano superou nossas expectativas. Foram três dias em que o público nos prestigiou com mais volume do que no ano passado, recebemos muitas pessoas da região sul de Minas, que sofreram com o período de estiagem. Isso mostra a necessidade dos produtores em buscar informações importantes e novas tendências para essa cultura”, disse.

Em 2015, mais de 25 mil pessoas visitaram a Feira, sendo que todo o ciclo de palestras, nos três dias de evento, contou com presença de 1600 participantes, entre cafeicultores, estudantes, pesquisadores do assunto e especialistas e público em geral que também se interessa pela cultura de café.

Um dos destaques de 2015 foi o workshop internacional ‘Como o cafeicultor brasileiro pode se tornar um produtor de água?’ com a palestra ‘Reservação e alocação negociadas da água para a agricultura irrigada – o caso americano’, proferida pelo Dr. Steve Deverel, do Hydrofocus/Californonia Department of Water Resources, nos Estados Unidos. “Eu tenho muito prazer de vir aqui e compartilhar a história que eu conheço profundamente na Califórnia, nos Estados Unidos, sobre o uso, transposição e reservação de água para a agricultura. O que eu trouxe para a Fenicafé foi um sistema de muito sucesso na cultura agrícola americana”, ressalta. Steven também falou sobre a crise hídrica e efeitos biológicos e hidrológicos que afetam o sistema de irrigação.



CRÉDITOS: DIVULGAÇÃO FENICAFÉ

Saul Eliezer Neto



No dia 21 de fevereiro de 2015, faleceu Saul Eliezer Neto, o mais antigo classificador de café da cidade. Começou a trabalhar com café na década de 1930, passou por grandes firmas, e se tornou referência para todos do ramo. A trajetória de Saul Eliezer no café foi notável.

Em 2011, com 92 anos de idade e problemas de saúde, concedeu uma entrevista ao Museu do Café para o projeto Memórias do Comércio do Café em Santos.

“Eu comecei a trabalhar em primeiro de maio de 1935, obrigado a trabalhar para ajudar a família. Comecei em uma firma de café e me apaixonei pelo negócio(...)Como classificador, eu fui considerado o rei dos cafés despulpados, na época, pois consegui vender 100 mil sacas de café despulpado em um ano. Era coisa de louco” (Saul Eliezer Neto, 2011). Seu depoimento pode ser ouvido ou lido (transcrição) no Centro de Preservação, Pesquisa e Referência do Museu do Café, em Santos/SP.

Linha cafés do Brasil é lançada na 30ª Abup Show

Para os amantes de um bom café, uma linha diferenciada foi apresentada na 30ª edição da Abup Show, na capital paulista. A Linha Cafés do Brasil, desenvolvida pela marca catarinense MondoCeram, tem textura diferenciada e feita à mão e foi inspirada nos tradicionais sacos de café.

Acompanhada da alta qualidade e da originalidade de um produto 100% brasileiro, a linha é feita de cerâmica e formada por cafezinho espresso 70 ml com pires, xícara 150 ml com pires, caneca 250 ml, porta sachê, pote hermético de café 500 g e açucareiro 250 g.

A linha tem autorização da ABIC – Associação Brasileira da Indústria de Café.



São Paulo volta a predominar no Prêmio Ernesto Illy de Qualidade do Café para Espresso



Após três anos de domínio mineiro, produtor da pequena Sarutaiá/SP venceu a 24ª



Andrea Illy discursa na cerimônia em SP

46



Campeão nacional Norival Favaro e esposa, Andrea e Anna Illy

Uma cidade com menos de 4 mil habitantes, no oeste paulista, pode se orgulhar de ter o melhor café do Brasil na safra 2014/15. Norival Favaro, da pequenina Sarutaiá, é o grande campeão nacional do 24º Prêmio Ernesto Illy de Qualidade do Café para Espresso, depois de quatro presenças entre os finalistas, em edições passadas. Além da categoria nacional, foram concedidos prêmios na regional para os melhores de São Paulo, Minas de Minas, Cerrado Mineiro, Sul de Minas, Chapada de Minas, Centro-Oeste e Sul do país (veja os nomes em tabelas mais adiante). Somando-se as gratificações a cafeicultores (40 finalistas nacionais, além de vencedores regionais) e classificadores, a illycaffè distribuiu mais de R\$ 200 mil aos premiados.

A escolha dos melhores cafés foi feita por uma comissão julgadora, com especialistas nacionais e internacionais, por meio de testes com equipamento de luz ultravioleta e pela classificação do grão quanto ao aspecto, seca, cor, tipo, teor de umidade, torração e quanto à qualidade da bebida, com degustação para espresso.

Com o prêmio de uma viagem cultural à Itália, com direito a acompanhante, para visitar a EXPO 2015 em Milão e à sede da illycaffè, em Trieste, entre outros atrativos, a empresa Ecoagrícola Café, de Marcelo e Roberto Flanzer, foi destaque

Andrea Illy participa de seminário na USP

O debate sobre os grandes desafios da produção de café nos próximos anos e a apresentação do pavilhão da illycaffè na EXPO 2015, em Milão, pelo próprio CEO Andrea Illy foram destaques do Seminário *Università del Caffè Brazil (UdC)* e PENSA 25 anos, Intitulado “Cafê: Aprendendo com o passado para construir o futuro”. O evento foi realizado na Cidade Universitária da USP, em São Paulo, e teve sua transmissão via Internet.

Participaram dos debates Andrea Illy, CEO da illycaffè; prof. Dr. Decio Zylbersztajn, fundador e presidente do Conselho do PENSA; prof. Dr. Samuel Ribeiro Giordano, coordenador da *Università del Caffè Brazil* PENSA; Luciana Florêncio, professora Dra. parceira do PENSA; Antônio Carlos Lima Nogueira, professor Dr. da equipe PENSA; e Juliano Tarabal, Superintendente na Federação dos Cafeicultores do Cerrado.



como o Fornecedor do Ano. A eleição foi feita pelo júri do Clube illy do Café — programa de fidelidade da illycaffè que reúne os principais fornecedores da empresa — com base nos critérios de fidelidade do produtor, pontualidade de entrega, apresentação do produto, cumprimento da quantidade e qualidade vendidas, correspondência do lote com a amostra original e participação no Programa de Sustentabilidade e no Prêmio.

Vencedores da Categoria Nacional

1°	Norival Favaro	SP
2°	Antonio Bittencourt Ramos	MG
3°	Carlos André Dognani	SP
4°	Ronalt Marques de Araújo	MG
5°	Diogo José Myaki	MG



Vencedores Regionais do Prêmio Ernesto Illy

São Paulo

Norival Favaro
Carlos André Dognani

Matas de Minas

Antonio Bittencourt Ramos
Ronalt Marques de Araújo

Cerrado Mineiro

Diogo José Myaki
Gerson Naimeg e Outros

Chapada de Minas

Cláudio Esteves Gutierrez
Eduardo Shiniti Yamaguchi

Sul de Minas

Adolfo Henrique V. Ferreira
Joaquim Geraldo R. do Valle

Centro-Oeste

Carlos Alberto Leite Coutinho

Sul

Orlando von der Osten



Carlos Paulino

Carlos Augusto de Melo

cooxupé

48

Cooxupé reelege Carlos Paulino como presidente e Carlos Augusto como vice-presidente

A Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé (Cooxupé), em Assembleia Geral Ordinária realizada na tarde da última sexta-feira (27), aprovou as contas da Diretoria e reconduziu Carlos Alberto Paulino da Costa como presidente da cooperativa para o quadriênio 2015-2019. Na mesma oportunidade foi reeleito Carlos Augusto Rodrigues de Melo, no cargo de vice-presidente.

A gestão de Carlos Paulino e sua equipe vem dando um grande impulso à atuação da Cooperativa, que além de um expressivo aprimoramento de sua estrutura operacional, com a entrada em funcionamento do Complexo Japy, colocou a Cooxupé em posição de liderança no mercado exportador de café, com um movimento, ao exterior, de 3,233 milhões de sacas e um faturamento de US\$ 607 milhões de dólares.

Na reunião, foram apresentados os resultados financeiros da cooperativa em 2014. No ano passado, a Cooxupé faturou R\$ 2,544 bilhões, apresentando sobras (lucro) da ordem de R\$ 130 milhões. “Com muito esforço e diante de todas as dificuldades que o setor cafeeiro encontra, conseguimos realizar uma boa gestão para que a Cooxupé mantenha sua solidez e credibilidade frente aos mercados nacional e internacional”, disse Paulino, em nota. “É um resultado bastante satisfatório que nos dá a oportunidade de continuarmos nosso trabalho junto ao agronegócio brasileiro”, completou.

Carlos Paulino e Carlos Augusto Melo, juntamente com Osvaldo Bachião Filho, foram escolhidos pelos conselhos para dirigirem a SMC Comercial Exportadora de Café S/A, empresa controlada pela Cooxupé que comercializa cafés finos, especiais e certificados.



Formatura do Projeto Produtor Informado em Divinolândia - Bairro Campestrinho

Sob a monitoria de Mariane Cristina Mapelli, após 06 meses de dedicação, 16 produtores rurais concluíram o curso de iniciação à informática do Projeto Produtor Informado, realizado na Associação dos Moradores do Bairro do Campestrinho, em Divinolândia/SP. Participaram da cerimônia de formatura Ronaldo Taboada e Juliana Buton, do Cecafé, o prefeito Ismar Ernani de Oliveira, o presidente da Câmara Benedito Aparecido Passoni e Maria Zulmira Alves Pereira, presidente da AMB.



CRÉDITOS: JOÃO PAULO FERREIRA



49

Cecafé visita laboratórios digitais do Projeto “Criança do Café na Escola”

Com o propósito de expandir o Programa Produtor Informado ainda no exercício de 2015, o Cecafé através da coordenadora de projetos, Luciana Alves, e da pedagoga, Juliana Buton, visitou 13 laboratórios digitais do Projeto “Criança do Café na Escola” instalados em APAEs e escolas nos municípios de Poços de Caldas, Machado, Alfenas, Campos Gerais - Distrito do Córrego do Ouro, Boa Esperança, Três Pontas e Elói Mendes, avaliando, com os responsáveis pela operação dos laboratórios de informática nestes locais, do interesse e viabilidade de se integrarem ao programa.



Juliana Buton e Luciana Alves (à direita) em visita



Kraft Heinz:

A nova gigante de alimentos nos EUA

A empresa de private equity 3G Capital, de Jorge Paulo Lemann, Marcelo Telles e Carlos Alberto Sicupira, e a Berkshire Hathaway, de Warren Buffett, controladores da HEINZ, empresa de condimentos, fizeram uma proposta firme para a compra da Kraft Foods, divisão americana de mercearia do antigo grupo Kraft, para

criar a Kraft Heinz. O novo grupo terá receitas anuais de aproximadamente US\$ 28 bilhões. A divisão de café da Kraft Foods já havia sido excluída, pela formação da Mondelez, hoje em processo de *mergering* com a Sara Lee.

Os conselhos de administração de ambas empresas já aprovaram a transação. Cabe agora aos acionistas deliberarem sobre a fusão em assembleia geral extraordinária, a ser marcada. A expectativa é que a transação seja concluída e, portanto, possibilite a criação da Kraft Heinz, durante o segundo semestre. Há pouco, as ações da Kraft disparavam no pré-mercado da Nyse. Os papéis subiam 14,64% e eram cotados em US\$ 70,30.

50

Programa Sebrae Inteligência Setorial oferecerá informações estratégicas para o setor de alimentos



O Sebrae Inteligência Setorial (www.sebraeinteligenciasetorial.com.br), portal que já oferece informações estratégicas gratuitas beneficiará três diferentes segmentos da cadeia de alimentos: “Agroindústria e Bebidas Artesanais” (cachaça, laticínios, cervejas artesanais e cafés especiais); “Alimentação fora do lar” (bares e restaurantes, panificação e confeitaria); e “Produção, Abastecimento e Distribuição” (centros de distribuição como Ceasa, Cadeg, Mercado São Sebastião e Mercado São Pedro). Desenvolvido pelo Sebrae/RJ (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Estado do Rio), o programa já atende os setores de construção civil, moda, turismo e petróleo & gás do Rio de Janeiro.

Agroindústria e bebidas artesanais - Dentro do segmento de agroindústria, o portal abordará temas relacionados à produção de cachaça, laticínios, agroecologia (orgânicos), cafés especiais e bebidas artesanais.

Alimentação fora do lar - O programa vai oferecer aos empresários da rede de bares, restaurantes, panificadoras e confeitarias informações que vão ajudá-los a gerir seu negócio.

Produção, abastecimento e distribuição - Neste segmento o programa do Sebrae atuará no suporte em gestão e logística, além de fornecer informações sobre os processos de armazenamento, segurança alimentar e outras questões, como planejamento, definição de preço e oportunidades de contratos governamentais.

Embrapa e UnB descobrem uma proteína de café com efeito similar ao da morfina

A Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia e a Universidade de Brasília - UnB identificaram fragmentos de proteína (peptídeos) inéditos no café com efeito similar ao da morfina, ou seja, apresentam atividade analgésica e ansiolítica, com um diferencial positivo: maior tempo de duração desses efeitos em experimentos com camundongos. O pedido de patente de sete peptídeos identificados neste estudo foi encaminhado ao INPI - Instituto Nacional de Propriedade Intelectual.

A caracterização dessas moléculas faz parte da tese de doutorado do estudante Felipe Vinecky desenvolvida no Departamento de Biologia Molecular da UnB e na Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, sob a coordenação do pesquisador Carlos Bloch Júnior.



Parceria IDH e CeCafé

O IDH - *Sustainable Initiatives*, em evento realizado na sede do INCAPER, em Vitória, no dia 19 de março, fez o lançamento oficial do Currículo de Sustentabilidade do Café (CSC), construído com a participação dos Serviços de Extensão Rural dos diversos Estados produtores de café, de representantes das entidades de classe cafeeiras, e das empresas de certificação. Segundo Carlos Brando, Diretor da P&A, coordenadora nacional do Programa Café Sustentável (PCS), “o CSC não é um sistema de certificação e sim a seleção dos temas centrais e fundamentais para a atuação em sustentabilidade, tanto do produtor como do extensionista. O seu conteúdo indica “o que” fazer para tornar a propriedade de café sustentável”. O Currículo, portanto, será a base documental para a formação dos técnicos/extensionistas que irão atuar na parceria estabelecida entre o IDH e o CECAFÉ, no sentido de levar aos produtores engajados no Programa Produtor Informado, no aprendizado da informática básica, as noções de sustentabilidade.

51



Museu do Café comemora 17 anos

No dia 12 de março, o Museu do Café comemorou 17 anos desde a sua fundação. Com a catraca livre, o setor educativo realizou uma visita especial pelo edifício. Do lado de fora, o público foi surpreendido por uma intervenção artística (foto) com atores que, caracterizados como personagens relacionados ao café, convidaram as pessoas para conhecerem a nova exposição de média duração do Museu.



CRÉDITOS: KARINA FREY



Completando a programação, o Museu recebeu a especialista em bebidas, Nina Rodrigues, para duas atividades, o workshop “Café e Harmonização”, que ensinou a desenvolver a percepção sensorial, aprimorando o olfato diante do aroma trazido pelo café, e também o workshop “Drinks de café – Coquetelaria base”, neste a especialista apresentou as técnicas de elaboração de alguns dos drinks mais clássicos do mundo, como a “Caipirinha”, o “Mojito” e o “Cosmopolitan”, utilizando o café como base nas preparações.

Museu da Imigração celebra o Ano Novo Chinês

O Museu da Imigração abriu suas portas para uma das mais importantes festividades da cultura chinesa, o Ano Novo Chinês.

O ano chinês, em 2015 regido pela cabra, começou oficialmente em 19 de fevereiro de 2015. Durante os festejos, as pessoas prestam agradecimentos a terra, aos céus, aos deuses do lar e aos ancestrais da família.

Os parentes falecidos são lembrados com grande respeito, uma vez que foram responsáveis pela fundação e consolidação da fortuna e glória da família. A data é celebrada em São Paulo, oficialmente no bairro da Liberdade. Seguindo este clima e sendo uma extensão dessas comemorações, as atividades no Museu da Imigração começaram com a tradicional apresentação da Dança do Dragão e do Leão. Na coreografia, os alunos da Academia de Kung-Fu ATS Garra de Águia imitaram os movimentos dos animais usando fantasias. Segundo a tradição, a dança espanta os maus espíritos, trazendo sorte, felicidade e prosperidade aos espectadores. Em seguida, o Mestre Ming ofereceu ao público a oportunidade de levar para casa o próprio nome escrito na língua oriental. No fim do dia, ocorreu a aula de culinária com Bruna Kao, especialista em comida chinesa do sudeste asiático.



CRÉDITOS: DANIEL QUIRINO

Museu da Imigração recebe o IV Festival Sul-Americano de Cultura Árabe



CRÉDITOS: CAROLINE NOBREGA

Com o objetivo de fortalecer o vínculo entre a América do Sul e os Países Árabes, o Museu da Imigração sediou em março o IV Festival Sul-Americano de Cultura Árabe. Durante o festival, o público pôde conhecer duas formas de habitação em exposição: a torre do vento, um sistema tradicional árabe que permite a circulação do ar sem uso de energia, por seu design ar-

quitetônico; e a tradicional tenda das regiões desérticas. Também foram expostos alguns objetos que caracterizam o povo árabe: tecidos, ornamentos, tipos de pérola, ferramentas antigas de mergulho e outros objetos da cultura material dos Emirados. Na programação cultural do evento, os visitantes do Museu puderam participar também de duas sessões de contos tradicionais e da arte corporal feita com henna.

Colômbia anuncia aumento da produção de café e enfrenta greve dos cafeicultores

53

O Ministro da Fazenda da Colômbia, Mauricio Cárdenas (foto), anunciou que a produção de café saltará de 10,0 milhões de sacas colhidas em 2010 para 13 milhões de sacas em 2015, em razão da entrada em regime de produção das áreas onde o Governo realizou investimentos expressivos na renovação das lavouras. Em face do crescimento da produção cafeeira e como resultado dos problemas de quebras no Brasil, México, Peru e Equador, as exportações anuais da Colômbia evoluíram para 12,0 milhões de sacas.

Coincidente com o aumento das vendas colombianas para o exterior, os preços mundiais do café arábica, a partir de janeiro deste ano, mostram recuos próximos a 20%, alimentados, em parte, pela desvalorização das moedas dos principais países produtores. No período maio/2014 a fevereiro de 2015, segundo levantamento feito pela firma EDF Man, o real e o peso colombiano, mostraram perdas de 28% e 26% respectivamente.

Os cafeicultores articulam uma greve nacional - Dia da Dignidade Cafeeira, como forma de pressionar o governo para a reintrodução do subsídio. Têm feito passeatas pacíficas nas principais regiões cafeeiras, com interrupção de estradas. O Presidente Juan Manoel Santos comunicou a formação de uma Comissão para o Estudo da Política Cafeeira, presidida por Juan José Echevarria, para apresentar recomendações.





Interior do Café Central

Série *As 10 mais belas Cafeterias do mundo*

Café Central Viena – Austria

Situado num palácio histórico, o Café Central, como a maioria dos cafés históricos de Viena que passou a receber grande parte de turistas que visitam a cidade, continua a ser uma atração local, oferecendo música clássica ao vivo durante a tarde.

O Café Central possui pilares de mármore, grandes “chandeliers”, e tetos arqueados que acolheram os intelectuais desde a virada do século 19.

Atualmente, com uma frequência mais eclética, o “Central Kaffeehaus” ainda é um lugar que atrai filósofos, pensadores e escritores. Historicamente, consta que foi nele onde Trotsky teria planejado a Revolução Russa.



Interior do Café Central

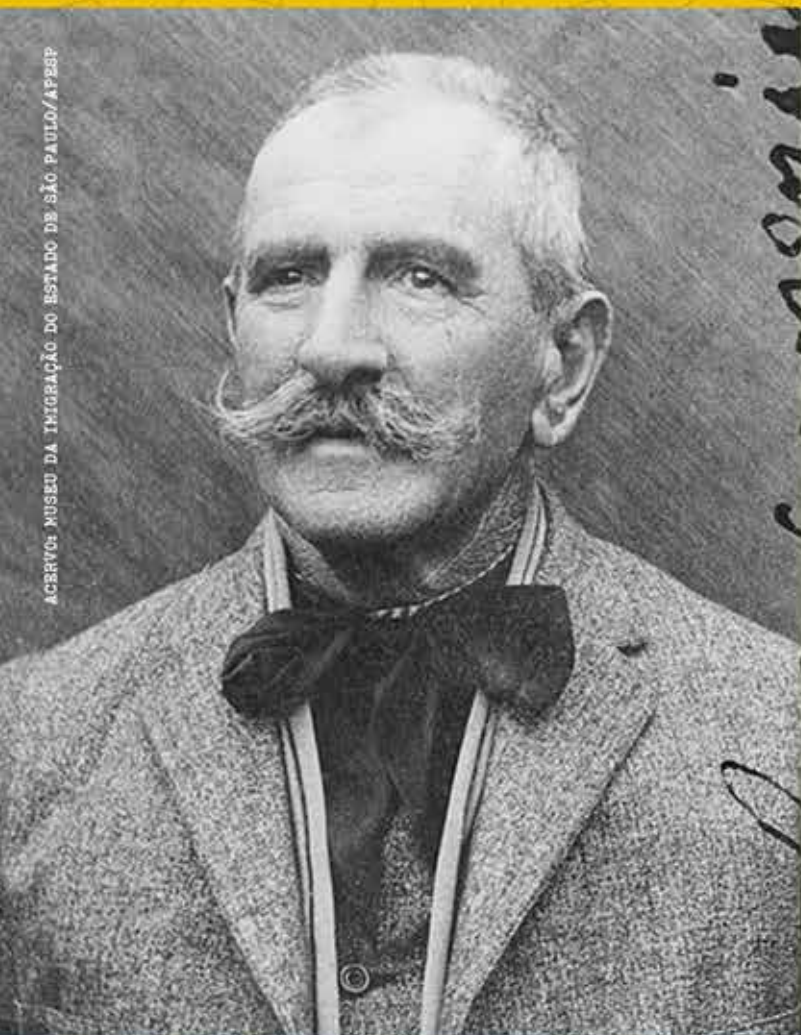


Próxima edição Café Imperial, em Praga, na República Tcheca.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, CONSULADO GERAL DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DE SÃO PAULO,
SECRETARIA DA CULTURA, MUSEU DA IMIGRAÇÃO E ELLIS ISLAND IMMIGRATION MUSEUM APRESENTAM

IMMIGRATION

ACERVO: MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO/APREP



ACERVO: ELLIS ISLAND IMMIGRATION MUSEUM. FOTO: AUGUSTUS F. SHERMAN

RETRATOS IMIGRANTES

CURADORIA JOÃO KULCSÁR

DE 27 DE MARÇO A 30 DE SETEMBRO

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA QUE RETRATA A IMIGRAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA E NO BRASIL NO INÍCIO DO SÉCULO 20.

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

TERÇA A SÁBADO - DAS 9H ÀS 17H

DOMINGO - DAS 10H ÀS 17H

MUSEU DA IMIGRAÇÃO

RUA VISCONDE DE PARNAÍBA, 1316

MOCCA/SÃO PAULO

TEL.: (11) 2692-1866

WWW.MUSEUDAIMIGRACAO.ORG.BR

APOIO



REALIZAÇÃO





A natureza é incontestável

A tradição de uma empresa também.



UNICAFÉ

COMPANHIA DE COMÉRCIO EXTERIOR

Matriz/Head Office

Av. Nossa Senhora dos Navegantes, 675
Conj. 500 - Enseada do Suá - Vitória-ES
CEP: 29058-900 • Tel: (55) 27 2123-5858

Escritório / Branch - Rio de Janeiro-RJ

Rua São Bento, 8 - 19º andar - Centro
CEP: 20090-010 • Tel: (55) 21 2159-8989
e-mail unicafe@unicafe.com.br

Escritório / Branch - Santos - SP

Rua do Comércio, 41 - Centro
CEP: 11010-141
Tel: (55) 13 2102-8787

Londrina-PR



Vitória da Conquista-BA



Varginha-MG



Manhumirim-MG